

Jostein Gaarder

Autor de *O Mundo de Sofia*

Ei! Tem alguém aí?



Jostein Gaarder

Ei! Tem alguém aí?

Ilustrações:
PAOLO CARDINI

Tradução:
ISA MARA LANDO



Tradução feita a partir da versão inglesa

Hello? Is anybody there?, de James Anderson, com autorização do autor

Título original: *Hello? Er det noen her?*

Capa: *Grafco*

Preparação: *Márcia Copola*

Revisão: *Cláudia Cantarin Ana Maria Barbosa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein, 1952 - Ei! tem alguém aí? / Jostein Gaarder ; tradução Isa Mara Lando ; ilustrações Paolo Cardoni. — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

Título original: Hello? Er det noen her?. ISBN 978-85-85466-96-1

1. Literatura infanto-juvenil i. Cardoni, Paolo. ii. Título.

97-3529

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático: 1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2007

o céu



Querida Camila! Faz tempo que não nos vemos — desde as férias de outubro, quando você veio passar uma semana comigo. Foi muita sorte minha passar uma semana inteira junto com você. Lembra quantos caranguejos nós apanhamos lá no ancoradouro? E tenho certeza de que você não se esqueceu do meu telescópio de astrônomo, aquele grande, e talvez até sinta saudade dele. Toda noite você queria olhar as estrelas pelo telescópio! Só tivemos uma noite de céu encoberto. Nessa noite ficamos na cozinha fazendo panquecas — lembra?

E lembra também que prometi escrever uma história para você? Pois bem, aqui está! Hoje resolvi sentar para escrevê-la — e não só porque você completou oito anos há alguns dias, e tem agora exatamente a mesma idade que eu tinha quando estava esperando nascer minha irmãzinha ou irmãozinho. Há também um outro motivo, uma grande novidade que vou lhe contar depois. Mas primeiro preciso lhe falar sobre o Mika, para você entender tudo direitinho.

Não posso dizer que me lembro de tudo como se fosse ontem. Mas sinto a tentação de dizer que me lembro de quase tudo, como se fosse anteontem! Algumas coisas esqueci; outros trechos sem dúvida imaginei. Em geral é isso que ocorre quando queremos contar fatos que aconteceram há muito, muito tempo.

Lembro com bastante clareza como tudo começou. Até poderia dizer que começou de um jeito muito normal. Quer dizer, se é que se pode considerar “normal” esperar nascer uma irmãzinha ou irmãozinho. Não sei. As coisas mais comuns nem sempre são tão banais como nós pensamos.

Naquela época nós sempre tínhamos em casa duas ou três galinhas ciscando no quintal. Você acha que galinha é uma coisa comum? Bem, eu também achava. Mas isso foi antes de conhecer Mika.

Imagine que você fosse um astronauta solitário atravessando o espaço sideral. Mesmo que você viajasse durante meia eternidade, só com muita sorte encontraria uma galinha — uma só que fosse!

Há bilhões de estrelas no universo. Uma ou outra pode ter um ou dois planetas girando à sua volta. Depois de viajar durante muitos e muitos anos, você poderia chegar a um planeta onde existisse vida. Mas mesmo num planeta com vida, as chances de encontrar uma galinha são mínimas. Seria mais provável você encontrar um ovo. Mas duvido muito que desse ovo saísse uma galinha.

É bem possível que não existam galinhas em nenhum outro lugar do universo exceto no nosso planeta Terra. E o universo é tão vasto que nem dá para imaginar! Sendo assim, como podemos dizer que a galinha é *comum*?

E já que estamos falando de galinhas, quero lembrar a você que a galinha bota um ovo quase todo dia. Você já ouviu falar de alguma outra ave ou animal que faça isso?

Se estou começando desta maneira a minha história sobre Mika, é porque foi ele que me ensinou que nada é comum. Às vezes as pessoas dizem que tiveram “um dia comum”. Isso me deixa meio aborrecido, porque não existem dois dias iguais. E nós também não fazemos a menor idéia de quantos dias de vida ainda temos pela frente!

Talvez pior ainda do que falar numa galinha “comum” ou num dia “comum” seja falar num menino “comum”, ou numa menina “bem comum”. É o tipo da coisa que a gente diz quando não quer se dar ao trabalho de conhecer melhor as pessoas.

Bem, então, ali estava eu, esperando uma irmãzinha ou irmãozinho. Minha família vivia discutindo qual dos dois ia ser. Eu, pessoalmente, tinha certeza de que aquela enorme bola na barriga da mamãe era um menininho. Como e por que eu tinha tanta certeza, é algo que nunca entendi. Talvez fosse apenas porque eu queria um irmão mais do que tudo no mundo.

Nós, seres humanos, gostamos de acreditar naquilo que mais desejamos. Eu já achava bem difícil imaginar como seria ter um irmãozinho. Mas, pelo menos, um irmão seria um pouco como eu. Já uma irmã era muito mais difícil de imaginar.

Mamãe me disse que o bebê estava de cabeça para baixo dentro dela, e lhe dava chutes e pontapés terríveis na barriga. Quando fiquei sabendo disso, achei que meu irmãozinho devia tomar jeito e se comportar. Acho que foi a primeira vez que tive vontade de lhe dar uns conselhos. Com certeza não foi a última! Acontece que nós nascemos neste mundo sem nenhuma educação nem bons modos. A gente leva anos para aprender a mostrar um pouco de consideração pelos outros.

Meu irmãozinho ia achar muito estranho chegar num mundo totalmente novo. Eu não tinha nenhuma inveja dele. Quando ele chegasse, ia ter que se acostumar com uma porção de coisas diferentes. Com

certeza ele não tinha a menor idéia de como era tudo por aqui, do lado de fora daquele espaçozinho escuro onde ele estava.

Eu já tinha começado a planejar direitinho como iria explicar as coisas para ele. Pois ia ler que lhe contar como era tudo no mundo!

Meu irmãozinho nunca tinha estado no mundo antes. Nunca tinha visto o sol e as estrelas, as flores e os animais dos campos. Sendo assim, ele também não poderia saber o nome de todas as flores e animais. E eu mesmo ainda tinha muita coisa para aprender. Por exemplo, eu não sabia a diferença entre um puma e uma onça. Hoje eu sei que a onça é um pouco maior que o puma, mas a questão não é essa. Há milhares de animais diferentes neste planeta. Eu ainda teria muito trabalho pela frente para ensinar ao meu irmãozinho a diferença entre um cachorro e um gato.

Os seres humanos levaram milhares de anos para dar nome a todas as plantas e animais da criação, e ainda não terminamos essa tarefa. E uma vida inteira parece um tempo bem curto para se aprender todos esses nomes.

Meu irmãozinho era como um astronauta visitando a Terra pela primeira vez.

“Ei! Tem alguém aí? Ou é tudo vazio e deserto...?”

“Um planeta azul! Parece um pirulito todo colorido. Será que lá existe vida...?”

“Socorro! Estou caindo!”

Eu tinha apenas oito anos quando tudo isso aconteceu. Começou no meio da noite. Acho que eu estava sonhando com alguma coisa emocionante...

“Acorde, Joakim”, disse papai. “Ainda é de noite, mas o bebê não sabe disso e quer sair agora da barriga da mamãe.”

Sentei-me na cama.

“Quem, o irmãozinho?”

Lembro exatamente dessas palavras, porque eu tinha acabado de acordar e o quarto estava muito escuro.

Papai me perguntou se eu podia ficar em casa sozinho enquanto ele e a mamãe iam para o hospital. Prometeu telefonar quando chegassem lá. Antes de me acordar, tinha ligado para a tia Helena. Ela ia pegar o primeiro ônibus para vir ficar comigo.

Falei que eu ficaria muito bem sozinho até a tia Helena chegar.

“Vou fazer alguma coisa com meu Lego.”

Era o que eu sempre fazia quando tinha que ficar sozinho. Costumava construir enormes foguetes espaciais. E precisava usar toda a minha imaginação. Naquele tempo não existiam conjuntos Lego com naves e foguetes!

Comecei a me vestir depressa, ansioso com o nascimento do meu irmãozinho. Ou irmãzinha. Mas eu tinha certeza de que vinha vindo um menininho.

Bem, assim vai acabar essa história de chutes e pontapés, pensei. E já fazia semanas que eu não me sentava no colo da mamãe.

Lembro que fui até a janela e soltei a persiana. Ela deu um estalo e se enrolou toda lá em cima. Olhei para o céu salpicado de estrelas. Nunca tinha visto uma noite assim clara.

Corri lá para baixo. Mamãe estava sentada na

poltrona grande, com as mãos atrás das costas. Tinha os olhos bem apertados e todos os músculos do rosto muito tensos.

Papai já tinha me dito que dar à luz uma criança é um trabalho muito duro, e eu não queria incomodá-la. Só tive vontade de dizer que ganhar uma irmãzinha ou irmãozinho também é bem difícil. Mas isso teria que esperar outra ocasião.

Lá fora ainda estava escuro como breu. Ficou ainda mais escuro depois que mamãe e papai partiram e os faróis do carro desapareceram.

Os dois com certeza não estavam pensando nem um pouquinho em mim — isso é que era o pior. Aquele bebê pequenino, que já tinha começado a lutar para sair da barriga da mamãe, era mais do que suficiente para ocupar os dois.

Fiquei muito tempo parado na porta de casa. Quando entrei e fechei a porta, tive a *sensação* de que a casa estava tão deserta quanto o espaço sideral em volta.



o jardim



Lembro que subi de novo para meu quarto e sentei numa cadeira em frente à janela. Acho que eu estava querendo saber se existia vida em algum planeta lá no céu, ou se a nossa Terra era a única no universo inteiro. Eu, sem dúvida, era o único ser vivo na casa inteira naquele momento, e senti um pouco de tédio.

Enquanto fiquei ali sentado, lá fora começou a clarear um pouquinho. O céu já não estava negro como nanquim; agora eslava azul escuro. A casa estava tão quieta que dava para ouvir as ondas marulhando lá embaixo, na prainha, batendo em algum barco que vinha ancorar.

Na verdade, eu não tinha medo do escuro. Como vivia construindo naves espaciais e módulos lunares, estava bem acostumado a pensar no espaço sideral. Mas nesse exato momento aconteceu algo que me fez pular de susto: de repente, uma estrela cadente riscou o céu. Parecia que ia aterrissar no jardim bem na minha frente.

Eu já tinha ouvido dizer que uma estrela cadente atravessa o céu cada vez que nasce alguém.

Será que aquela estrela era para o meu irmãozinho?

Só lembro que vi uma estrela cadente e pensei no meu irmãozinho, que estava prestes a vir ao mundo. Assim, o que realmente aconteceu não posso dizer. Mas foi então que...

De repente escutei um barulhão vindo da macieira do jardim. Por um segundo achei que eram mãe e papai voltando do hospital com meu irmãozinho. Mas não foi isso que ouvi. Debrucei-me na jane-

la, espiei lá fora e vi um menininho dependurado pelo elástico da calça num galho da macieira. Era Mika!

Só muito depois percebi que Mika teve uma sorte enorme. Não só caiu bem em cima daquela grande macieira, como sua calça se enganchou num galho e ele ficou pendurado de cabeça para baixo, balançando. Se tivesse batido no chão, teria se machucado muito. E se tivesse caído no canteiro de rosas da mamãe, seria pior ainda.

Eu não sabia nada sobre sua nave espacial. Mais tarde fiquei sabendo que ele tinha aberto a portinhola de sua minúscula nave quando percebeu que estava se aproximando de um planeta com vida.

Simplemente chispei escada abaixo, saí correndo pelo jardim e cheguei até aquele menino pendurado na árvore.

“Deve ser um sonho!”, disse Mika.

Essas foram as primeiras palavras que ele disse, e achei muito estranho, pois eu eslava bem acordado.

Desde essa época, muitas vezes já parei para pensar como é que Mika sabia falar a minha língua. Ninguém sabe se há vida em algum outro lugar do universo. E se houver, ninguém sabe se os seres vivos de lá sabem falar. Mas se existirem seres vivos em outros planetas, e se alguns deles souberem falar, duvido muito que falem uma língua igual à nossa!

É como o ovo de que falei no início. É bem provável que existam ovos em outros planetas; isso não seria tão surpreendente. Mas não há muita chance de que as aves e OS animais que saiam desses ovos sejam esses que nos já conhecemos.

Por sorte, eu era (ao pequeno naquela época

que nem fiquei tão espantado quando Mika falou comigo na minha língua. Quando um menino de verdade, vivinho, cai do céu no quintal da gente, não faz muita diferença a língua que ele fala. O mais espantoso é que ele seja capaz de falar!

“É só um sonho!”, repetiu ele.

Nessas alturas eu estava completamente desorientado, com uma porção de coisas zunindo na minha cabeça ao mesmo tempo. Quem era esse menininho na árvore? E se era um sonho, seria um sonho dele — ou meu? E se era um sonho dele, como era possível que eu estivesse acordado?

Ele continuava pendurado na árvore, balançando, com a calça enroscada no galho. Girava devagar, dando voltas e mais voltas. Acho que a minha cabeça começou a girar um pouco também.

Eu não sabia o que dizer. Mas lembrei de algo em que pensei quando estava sentado no meu quarto, olhando as estrelas. Pensei que estava chato ficar em casa sozinho. E dali a um momento, lá estava um garotinho pendurado na macieira! Nem todos os desejos se realizam assim tão depressa...

“Quem é você?”, perguntou ele.

Essa mesmíssima pergunta estava na ponta da minha língua, por isso achei meio injusto que ele tivesse passado na minha frente. Afinal, não fui eu que caí de repente no jardim dele — ou no planeta dele!

“Meu nome é Joakim”, falei.

“E eu sou Mika. Por que você está de cabeça para baixo?”

Não pude deixar de rir. E acho que ele ficou meio envergonhado, pois de repente enfiou o polegar

na boca e começou a chupar o dedo feito um bebê. Isso me fez cair na risada outra vez.

“É você que está de cabeça para baixo!”, falei.

Mika tirou o polegar da boca e começou a esticar e abanar todos os dedos. Daí falou:

“Quando duas pessoas se encontram e uma delas está de cabeça para baixo, não é tão fácil dizer qual delas está na posição certa.”

Fiquei tão perplexo diante dessa resposta que não consegui pensar em nada para dizer.

Ele apontou para o chão.

“Mesmo assim, seria muito bom se você me ajudasse a subir até o chão deste planeta!”

“Descer!”, exclamei.

“Não, subir!”, disse Mika.

Lembrei da pesada tesoura de jardim que mãe usava para podar as rosas, e corri até a caixa de jardinagem para pegá-la. Achei também um velho caixote, pus debaixo da árvore e subi. Daí cortei a tira e ajudei Mika a descer do galho.

Por uns momentos ele ficou com a cabeça apoiada no chão e as pernas para cima. Ainda nessa posição, conseguiu enrolar uma longa tira de pano que lhe saía da barriga. Lembro que fiquei tremendamente impressionado ao ver que ele conseguia ficar de cabeça para baixo sem se apoiar nas mãos!

Seus olhos giraram depressa, depois se moveram de um lado para o outro várias vezes. Acho que ele estava tentando assimilar tudo o que havia em torno. Daí avistou o céu lá em cima, e só então abaixou as pernas para o chão. Ficou um momento de joelhos, depois levantou-se e olhou em volta, espantadíssimo.

Mika apontou para a grama.

“Achei que isso aqui fosse em cima.”

Daí apontou para o céu.

“E achei que aquilo lá fosse embaixo.”

Começou de novo a ondular os dedos. Disse:

“Bom, não há dúvida que eu fui subindo até bater de cabeça neste planeta!”

Ficou um longo tempo apontando para o chão — e de novo para o céu lá em cima. Por fim apontou para a Lua.

“Já reparei que este planeta tem uma lua. Quando vocês viajam até lá, vão para cima? Ou para baixo?”

“Para cima”, falei.

A primeira pessoa havia pousado na Lua poucas semanas antes, por isso eu sabia bem do que estava falando.

Mika pôs o dedo na boca de novo. Acho que só tirou porque queria fazer outra pergunta.

“Mas quando vocês pousam na Lua, vocês não têm que *descer* até a superfície?”

Agora eu precisava pensar muito bem.

Fiz que sim.

“E quando vocês estão lá na Lua, não olham *para cima* para ver este planeta?”

Eu mesmo nunca tinha ido para a Lua, mas tinha visto na televisão todos os programas sobre o pouso na Lua.

Concordei de novo.

“Sendo assim, em algum ponto no caminho entre a Terra e a Lua, o embaixo passa a ser em cima, e o em cima passa a ser embaixo. Certo?”

Nessas alturas eu estava tão confuso que não sabia o que dizer. Mas refleti bem no que ele disse, e me pareceu muito certo.

“Sim, acho que deve ser isso mesmo.”

Ele falou então, pensativo:

“Acho que encontrei o lugar exato onde acontece essa grande mudança.”

De repente ele saiu dando saltos pelo jardim como um Canguru. Primeiro ensaiou alguns pulinhos cuidadosos, mas logo passou a pular o mais alto possível. Daí falou:

“Este planeta não pode ser tão grande!”

De novo ele tinha dito algo estranho. Será que tinha pulado tão alto a ponto de ver o tamanho da Terra?

Mas ele explicou: “Bem, pelo menos não tem muita gravidade. Olha só — aqui eu consigo pular duas vezes mais alto do que lá no meu planeta. Se você fosse comigo até lá, acho que não conseguiria dar nem um pulinho!”.

Isso me deu o que pensar. Não era injusto que ele conseguisse pular mais alto que eu, só porque vinha de um planeta com mais gravidade?

Assim que Mika acabou de testar a gravidade, ficou de quatro no chão e examinou a grama. Primeiro cheirou, depois arrancou uns tufos verdes e pôs na boca. Sem dúvida o gosto não lhe agradou, pois logo cuspiu a grama fora.

“Isso não serve para comer”, falei.

Ele cuspiu de novo, várias vezes. Fiquei com um pouco de pena. Se ele estava viajando fazia meses e meses, vindo lá de outro planeta, devia estar com

muita fome! Pensando nisso, corri até a árvore e apanhei uma bela maçã do chão. Achei melhor tentar recebê-lo bem, em nome do meu planeta.

“Pode comer uma maçã”, falei, oferecendo-lhe a fruta.

Foi como se ele estivesse vendo uma maçã pela primeira vez. Primeiro só cheirou, depois arriscou uma dentadinha.

Daí exclamou: “Nham-nham!”, e deu uma grande mordida.

Perguntei: “Você gosta?”.

Ele se inclinou bem para a frente, fazendo uma reverência.

Eu queria saber que gosto tem a primeira maçã que alguém come na vida. Perguntei de novo:

“Que gosto tem?”

Ele fez outra reverência.

Perguntei: “Por que você está se inclinando?”.

Mika se inclinou mais uma vez. Fiquei tão perplexo que só consegui perguntar de novo:

“Mas por que você está se inclinando desse jeito?”

Agora foi a vez de Mika ficar confuso, Acho que ele não sabia se era melhor se inclinar mais uma vez, ou só responder.

“Lá de onde eu venho”, explicou ele, “nós sempre fazemos uma reverência quando alguém faz uma pergunta fascinante. E quanto mais profunda for a pergunta, mais profundamente a gente se inclina.”

Camila, essa foi uma das coisas mais malucas que eu já ouvi na vida! O que havia numa pergunta que merecesse uma reverência?

“Nesse caso”, perguntei, “o que vocês fazem quando querem se cumprimentar?”

“Tentamos pensar numa pergunta inteligente.”

“Por quê?”

Primeiro ele fez uma reverência rápida, já que eu tinha feito mais uma pergunta; daí falou:

“Tentamos pensar numa pergunta inteligente, para fazer a outra pessoa se inclinar.”

Essa resposta me impressionou tanto que fiz uma profunda reverência, me inclinando ao máximo. Quando levantei os olhos, vi que ele estava chupando o dedo. Houve uma longa pausa até ele tirar o polegar da boca.

“Por que você me fez uma reverência?”, perguntou ele, num tom quase ofendido.

“Porque você deu uma resposta superinteligente para a minha pergunta”, respondi.

Daí, numa voz bem alta e clara, ele disse algo que eu haveria de lembrar pelo resto da vida:

“Uma resposta nunca merece uma reverência. Mesmo que for inteligente e correta, nem assim você deve se curvar para ela.”

Fiz que sim, rapidamente. Mas me arrependi no mesmo momento, pois Mika poderia pensar que eu estava me inclinando para a resposta que ele acabava de dar.

“Quando você se inclina, você dá passagem”, continuou Mika. “E a gente nunca deve dar passagem para uma resposta.”

“Por que não?”

“A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você. Só uma pergunta pode apontar

o caminho para a frente.”

Achei que havia tanta sabedoria nas suas palavras que precisei segurar bem firme meu queixo para não fazer outra reverência.

Nesse exato momento o sol começou a se levantar, trazendo um novo dia, Mika me puxou pela manga e apontou para aquele contorno vermelho.

“Como se chama essa estrela?”

“É o Sol.”

Mika começou a esticar e abrir bem todos os dedos. Daí falou:

“Todo sol é uma estrela e todas as estrelas são sóis. Só que nem todas as estrelas têm planetas girando em torno, portanto não há ninguém para chamá-las de *sol*!”

Percebi que ele tinha razão, e fiquei com vontade de também falar alguma coisa inteligente:

“Acho que deve dar muito solidão ser uma estrela sem ter nenhum planeta para iluminar. Se uma estrela não tem nenhum planeta aonde jogar a sua luz, então não há ninguém para vê-la nascer num novo dia!”

Mika me lançou um olhar de desafio.

“Você pode olhar para ela.”

“Eu?”

“Sim, você mesmo! Você pode olhar para uma estrela solitária como essa, quando ela se levanta numa nova noite.”

Foi só aí que compreendi o que ele quis dizer.

“Quanto mais escura a noite”, continuou ele, “maior a quantidade de sóis que podemos ver no céu. Durante o dia só conseguimos enxergar o nosso pró-

prio sol.”

E foi assim meu primeiro encontro com Mika. Ele chupava o polegar quando estava imerso em seus pensamentos, e abanava os dedos quando queria explicar alguma coisa. Sempre que eu fazia uma pergunta esperta, ele se curvava numa reverência. E quando eu respondia ele ouvia atentamente, para ver se conseguia me rebater com outra pergunta.

Mas só percebi que ele era também um grande malandrinho, capaz de ficar emburrado e mal-humorado, quando o telefone tocou...



a casa



Ouvi o telefone tocando lá dentro. Mika também ouviu, pois de repente começou a sacudir a cabeça, tentando tirar alguma coisa de dentro do ouvido.

“Tem um barulho horrível no meu ouvido!”, exclamou, em pânico.

Eu ri: “É o telefone, só isso!”.

Mas essa resposta o deixou ainda mais assustado.

“E é perigoso quando um telefone entra no ouvido da gente?”

“Mas ele não está dentro do seu ouvido!”

Lembrei que tinha que ir correndo para casa atender. Mika veio atrás de mim, trotando num passinho curto.

Era o papai:

“Estamos aqui no hospital.”

“Sei...”

“E você, como vão as coisas por aí?”

“Tudo bem.”

Assim que falei isso, Mika entrou feito um furacão na cozinha. Pegou a cadeira vermelha e foi subindo no balcão.

“Helena já deve estar chegando”, disse papai.

Mika abriu as duas portas do armário, bem abertas.

“Você está chateado de ficar sozinho, filho?”

Nesse momento um grande saco de farinha caiu do armário em cima da pia.

“Não, não, nem um pouco!”

Fiquei vendo Mika criar uma tempestade de neve na cozinha, mas não podia falar nada para o papai. Não podia simplesmente dizer que estava com

uma visita vinda do espaço!

“O que você está fazendo?”, papai perguntou.

Nesse momento Mika começou a espirrar — espirrar e rir ao mesmo tempo.

“Nada”, falei. “Mas agora preciso desligar!”

Fui correndo até a cozinha. Primeiro peguei Mika pela cintura e o coloquei no chão.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

Mika se limitou a olhar para mim e rir. Falei então com uma voz mais severa:

“Nunca mais faça isso!”

Mika começou a chorar. Berrava e se esgoelava tão alto que tapei os ouvidos para não ficar com dor de cabeça. Ele estava longe de se acalmar, pelo jeito, e eu não podia ficar tapando os ouvidos até a tia Helena chegar. Tinha que pensar em alguma coisa para fazer parar aquele berreiro.

Primeiro abanei os braços e tentei fazer umas caretas engraçadas. Como não funcionou, tentei uma dança de índio em volta da cozinha. Daí fiquei numa perna só e fiz um cocoricó de galo, dando uns pulinhos na frente dele. Mas nada adiantava. Mika só gritava cada vez mais alto, e cada nova palhaçada que eu fazia só servia para eu me sentir cada vez mais bobo.

Os gritos de Mika eram tão pavorosos que por fim peguei um punhado de farinha do saco e joguei para o alto. Achei que talvez ele estivesse chorando porque eu não o deixei brincar com a farinha. Mas nem assim ele parou. Daí tive uma brilhante idéia!

Sentei ao lado dele e comecei a lhe fazer cócegas na nuca. Ele não demorou a se acalmar, e logo parou de chorar completamente. Aí parei de fazer có-

cegas — mas foi um erro fatal, pois ele começou a chorar outra vez. Primeiro baixinho, depois aos gritos, e cada vez mais agudos. Voltei então a lhe fazer cócegas na nuca e também uns carinhos no rosto.

Finalmente a cozinha ficou em silêncio. Mesmo assim continuei alisando o rosto de Mika por longo tempo. Depois dei uma paradinha e disse algumas palavras suaves para acalmá-lo. Daí continuei os carinhos. Aos poucos fui fazendo intervalos cada vez maiores, até que me arrisquei a parar de vez.

Tratei de varrer a farinha espalhada pelo chão, e despejei tudo dentro da pia. Sentei ao lado de Mika e falei:

“Neste planeta é proibido desperdiçar comida.”

Tentei dizer isso de uma maneira gentil e amigável, para ele não começar a chorar de novo. Mas ele ainda estava um pouquinho sentido. Olhou para mim com um olhar magoado e falou:

“Isso tudo é só um sonho, então pode tudo!”

Eu não gostava nem um pouco dessa conversa de que tudo era um sonho. Falei:

“Você não pode estar sonhando comigo, porque eu estou muito bem acordado. E além disso, eu realmente moro aqui!”

Lembro perfeitamente de sua resposta:

“Mas eu não moro! Portanto, quem deve estar sonhando sou eu.”

Eu não conseguia entender o sentido daquilo tudo. E fiquei ainda mais confuso quando ele disse:

“Tenho que voltar logo, antes de acordar. Senão, jamais vou conseguir encontrar o caminho de volta para casa!”

Mika não teve chance de dizer mais nada, pois nesse momento a campainha tocou.

Mika abanou a cabeça, outra vez tentando tirar alguma coisa de dentro dos ouvidos.

“O telefone!”, exclamou.

A tia Helena!, pensei.

E agora, o que eu ia fazer? Não podia simplesmente mandar a tia Helena entrar e lhe dizer que eu estava com uma visita do espaço sideral. Eu precisava esconder Mika!

Eu conhecia uma porção de esconderijos fantásticos pela casa toda, mas dessa vez não era um objeto que eu queria esconder. Tinha que esconder um menino vivo, que abria o berreiro assim que ficava contrariado!

E eu não podia nem dizer a ela que Mika era um amigo que veio me visitar de repente. Sabe por quê, Camila? É que havia algo em Mika que você ainda não sabe. Ele não era como eu ou você. Os olhos e a boca mostravam claramente que ele não era daqui. E quando eu lhe fazia carinho no pescoço, também sentia que sua pele não era bem igual à minha ou à sua.

“É a titia!”, gritei.

A campainha tocou de novo, dessa vez com mais insistência. Percebi que tínhamos que agir rápido. Perguntei:

“Vamos brincar de esconde-esconde?”

Acho que ele entendeu o que eu quis dizer. Se existia vida em outros planetas, com certeza deviam existir também muitos esconderijos. E existindo esconderijos, alguém já devia ter descoberto como brincar de esconde-esconde. Lembro que naquele mo-

mento pensei que uma das primeiras coisas que se aprende em qualquer planeta é a brincar de esconde-esconde.

Peguei Mika pela mão e o levei até meu quarto. Enquanto subia a escada, ele olhava em torno, espantado, examinando a casa.

“Você pode se esconder aqui”, falei. “Mas não pode fazer nem um barulhinho!”

A campainha tocou pela terceira vez. Desci e abri a porta.

Tive a sensação de que a tia Helena tinha caído da Lua — só que não era ela que eu havia tirado da macieira do jardim. Por um instante senti medo de que Mika estivesse vindo atrás de mim no corredor.

“Joakim! Por que você está todo sujo de branco? E por que não abriu a porta quando toquei?”

Ela não estava brava. Mas como tinha feito duas perguntas, me inclinei duas vezes.

“Por que você está se curvando desse jeito?”

Inclinei-me de novo e falei:

“Nesta casa nós sempre fazemos uma reverência quando alguém faz uma pergunta inteligente.”

Tia Helena então passou direto por mim e foi seguindo pelo corredor até a cozinha. Chegando lá, fez mais uma pergunta:

“Joakim, francamente! Mas o que você andou fazendo?”

A farinha! Eu não sabia o que dizer. Daí lembrei de algo que me ocorreu quando eu estava varrendo:

“Eu ia fazer panquecas.”

Ela se abaixou e me deu um abraço forte:

“Imagine, você vai ganhar uma irmãzinha ou irmãozinho!”

“Irmão”, falei. Nessas alturas eu tinha certeza absoluta.

Titia me levou até o banheiro, pegou uma escova e limpou a minha roupa de toda a farinha. Daí prometeu que ia fazer panquecas para o almoço. Eu tinha que agradecer a Mika por isso.

Eu ainda não tinha tomado café da manhã. Mas estava com tanto medo de que a titia subisse para o meu quarto enquanto eu ficava na cozinha, que não falei nada. Assim que ela sentou na poltrona da sala, subi a escada correndo e dizendo:

“Vou fazer umas coisas com o meu Lego!”

Mika nem tinha tentado se esconder. Estava sentado na cama, lendo meu livro de dinossauros. Nem levantou os olhos quando entrei. Cochichei:

“Psiu!”

Mas ele não tirava os olhos do livro, com a minha lente na mão.

“Tem muitos animais assim por aqui?”, perguntou baixinho.

Sentei na cama ao lado dele e falei:

“Esses aí são dinossauros. Eram animais enormes que viviam aqui há milhões de anos. Daí aconteceu alguma coisa e todos eles morreram.”

Mika abriu bem os olhos.

“Antes de poderem se desenvolver?”

Fiz que sim.

“Antes de se transformarem em seres humanos?”, perguntou de novo.

Já naquela idade eu sabia bastante coisa sobre a

história do nosso planeta. Mas essa pergunta me pareceu tão estranha que eu não sabia responder. Expliquei:

“Nessa época ainda não existiam seres humanos por aqui.”

Mika pôs o livro no colo e perguntou:

“Então de onde você vem?”

Esqueci de fazer uma reverência para essa pergunta, e talvez por isso ele não tenha esperado a resposta. Apontou para as letras do livro.

“E o que são esses desenhinhos? São tão pequenos que até me dói a vista!”

Precisei tapar a boca para não rir. Não tinha me esquecido da tia Helena sentada lá embaixo na sala, imaginando que eu estava brincando com meu Lego.

“São letras”, cochichei.

“Sei... E dá para você me explicar o que são essas misteriosas *letras*?”

Eu tinha aprendido a ler seis meses antes. Mas não é tão fácil explicar o que são as letras para alguém que não sabe ler.

“Existem vinte e seis letras diferentes.”

Ele me olhou.

“Quer dizer, desenhos, não é? Estou vendo que alguns são exatamente iguais.”

“Nós chamamos de letras. Juntando-se várias, elas formam palavras. Isso se chama *ler*,”

Ele me lançou um olhar intrigado.

Continuei: “As palavras desse livro contam sobre os dinossauros que viveram na Terra muito tempo atrás”.

Mika trouxe para bem junto dos olhos o livro

com todas aquelas letras. Ao mesmo tempo tentou segurar a grande lente de aumento sobre a página. Daí pôs de novo o livro no colo e falou:

“Não adianta! Não sei o que essas letras querem dizer!”

“Quer que eu leia para você?”, perguntei.

Mika pôs o livro no meu colo, e comecei a ler alto o início da história dos dinossauros. Enquanto lia, ia acompanhando as palavras com o dedo:

“Durante mais de cento e cinquenta milhões de anos, os dinossauros dominaram a vida na Terra. Porém, há sessenta e cinco milhões de anos, houve uma mudança súbita que causou a morte de todos os dinossauros. Dali em diante, foram os mamíferos que...”

Ele interrompeu: “O que são *mamíferos*?”

“Gatos, vacas, carneiros, hipopótamos... Mamífero é um animal que dá à luz filhotes vivos.”

Mika objetou: “Mas todos os filhotes são vivos!”

Eu já ia explicar que as aves e répteis botam ovos e os mamíferos mamam o leite da mãe, quando fomos de repente interrompidos pela voz da tia Helena, chamando lá de baixo:

“Joakim? Está com fome?”

“Não, obrigado!”, falei, embora não fosse bem verdade.

Quando ouvi os passos dela, já começando a subir a escada, gritei:

“Já vou! Estou descendo!”

Desci correndo e dei um encontrão em tia Helena na escada.

“Opa!”

Ela parou:

“Que foi?”

“Opa!”, falei de novo. “Agora vou brincar lá fora!”

Eu ia descendo a escada, mas mesmo assim tia poderia cismar de dar uma olhada no meu quarto. Se fizesse isso, ia levar o maior choque de sua vida! Felizmente, ela ficou tão confusa com a trombada que deu meia-volta e também desceu a escada, atrás de mim.

Eu precisava arranjar alguma coisa bem esperta para dizer antes de chegar até a porta da frente, para poder tirar Mika de dentro de casa. Foi aí que reparei que o aspirador estava no meio da sala. Perguntei:

“Tia, você vai passar aspirador?”

“Vou. Tem farinha pela casa inteira.”

“É mesmo? Puxa, que coisa! Bom, então acho melhor eu não atrapalhar.”

Ela abanou a cabeça em desespero, ligou o aspirador na tomada e apertou o botão.

Subi correndo para o meu quarto.

Mika, sentado na cama, estava paralisado, tapando os ouvidos.

“É só o aspirador de pó!”, falei. “Agora nós podemos sair, bem devagar.”

Peguei a mão dele e fomos descendo a escada.

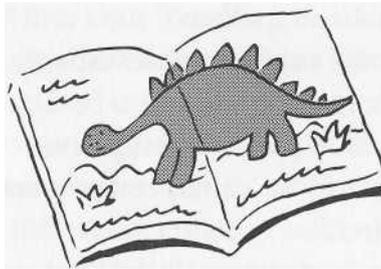
Era gostoso sentir a mãozinha dele aninhada dentro da minha.

Quando chegamos na sala, vimos que tia Helena estava passando aspirador na cozinha. Felizmente, de costas para nós. Mika deu uma olhada rápida para

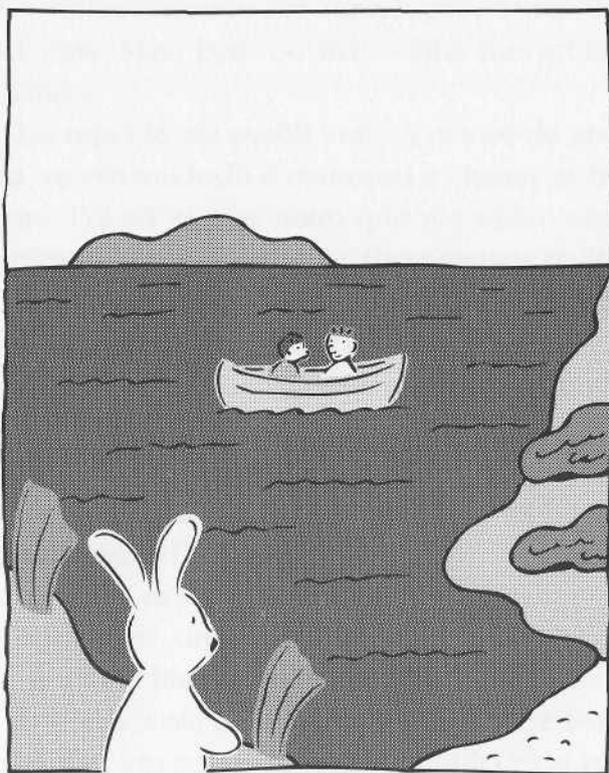
ela e seguiu em frente. Acho que não estava com a menor vontade de ser apresentado.

Quando chegamos ao jardim, ele deu mais alguns saltos de Canguru. Brincou, riu e deu cambalhotas como se tivesse dormido durante cem anos e tivesse acabado de acordar.

Mas uma coisa não me saía da cabeça. A casa tinha uma porção de janelas que davam para o jardim, por isso não podíamos ficar ali. Mas eu tinha um plano...



o mar



Fui correndo até os pés de groselha no jardim. Ali começava o caminho que descia até o mar, De vez em quando eu olhava para trás e via Mika, que vinha correndo em ziguezague, dando cambalhotas. Mas, bem ou mal, vinha me acompanhando.

De repente ele parou junto a um pé de groselha, se esticou todo e começou a cheirar as frutinhas. Foi só aí que notei que ele tinha trazido minha lente de aumento. Olhou através da lente e deu uma risada gostosa ao ver como as groselhas vermelhas ficavam grandonas.

Assim que nos escondemos atrás dos arbustos, perguntei:

“Está ouvindo alguma coisa?”

Ele ficou uns momentos aguçando os ouvidos atentamente. Daí disse:

“Alguém está jogando água.”

Concordei, orgulhoso:

“É o mar. Ele mesmo joga água.”

Descemos até uma pedra bem grande e lisa no caminho, um pouco acima da prainha e do ancoradouro. Eu tinha licença de ir sozinho até esse lugar, mas nem um passo além. Sentei numa espécie de assento escavado na rocha, um lugar que mamãe tinha apelidado de Cadeira de Pedra. Mika logo me alcançou e veio sentar ao meu lado.

O sol já estava alto. Faiscava no céu e rebrilhava tanto na água que Mika apertou os olhos, incomodado. Talvez ele não esteja acostumado, pensei, com uma luz de sol tão forte.

De repente ele levantou a lente de aumento, para ver o sol mais de perto. Consegui salvá-lo a tem-

po:

“Cuidado! Não faça isso!”

Foi o que bastou para ele começar a gritar e berrar outra vez. Fiquei morrendo de medo de que a gritaria chegasse até em casa. Mas agora eu já sabia o que fazer. Pus a mão na sua nuca e comecei a lhe fazer carinhos e cócegas, dizendo: “Pronto, pronto!”.

Funcionou quase imediatamente!

Lembrei de uma vez que papai acendeu fogo só com a lente de um velho telescópio. Expliquei a Mika que a lente de aumento concentra todos os raios do sol num só ponto. Contei a ele que é possível até pôr fogo num pedaço de papel usando só uma lente de aumento.

Ele ainda soluçava baixinho, mas era só para eu não parar com as cócegas.

“Existem animais no mar?”, perguntou, enquanto eu continuava lhe acariciando a nuca.

“Muitos”, respondi. “Existem no mínimo tantos animais no mar quantos existem em terra firme.”

Ele arregalou os olhos: “Dinossauros também?”.

Fiz que não, e comecei a contar a Mika sobre o mar.

Já naquela época eu era fascinado por história natural. Colecionava livros sobre dinossauros, e esses livros me ensinavam muita coisa sobre a história da Terra. Além do mais, vivia conversando com papai sobre tudo isso. Contei então a Mika que todas as formas de vida que existem neste planeta vieram do mar.

“E os seres humanos também?”

Fiz uma profunda reverência para essa pergunta. Daí falei: “A vida neste planeta teve início uma única vez, há uns três bilhões de anos. Isso significa que todas as plantas e animais da Terra estão relacionados uns com os outros!”.

“E os dinossauros?”, insistiu Mika.

“Bem, é uma longa história.” E passei a lhe contar um pedacinho dessa longa história.

Falei das primeiras moléculas que conseguiram se dividir em duas metades idênticas. Às vezes, porém, aconteciam pequeninas mudanças quando elas se dividiam. Com o passar do tempo, as diferenças entre essas moléculas foram ficando cada vez maiores, e aí apareceram os primeiros organismos.

“*Organismos?*”, perguntou Mika.

“Isso mesmo — quer dizer, a vida. No princípio, havia apenas organismos de uma só célula... como as bactérias. São tão pequenas que a gente não consegue vê-las, a não ser que haja centenas e centenas delas juntas. Mas depois de algumas centenas de milhões de anos, esses organismos evoluíram, e foram se formando plantas e animais multicelulares.”

“*Plantas e animais multicelulares?*”, repetiu Mika.

Eu sabia que estava usando umas palavras meio complicadas, mas como eu mesmo tinha acabado de aprendê-las, estava sentindo a tentação de usá-las. Enquanto continuávamos apreciando a prainha e o ancoradouro, falei:

“Sim, como as algas, a laminária, as estrelas-do-mar, os ouriços-do-mar. São seres tão grandes que podemos pegá-los na mão. Isso acontece porque são feitos de milhares de pedacinhos minúsculos, que nós

chamamos de células. Nos animais multicelulares, todas as células são um pouquinho diferentes, pois cada uma tem sua própria tarefa a cumprir.”

Acho que Mika nunca tinha segurado uma estrela-do-mar. Com certeza também não sabia o que era uma célula. Mesmo assim, continuei explicando:

“Depois de muitas centenas de milhões de anos, já havia peixes nadando no mar. Foi então que alguns desses peixes evoluíram e se transformaram em animais capazes de respirar tanto na água como em terra. Eram os anfíbios...”

“E esses *anfíbios* ainda existem?”

Só consegui me lembrar dos sapos e das salamandras. Mas falei que muitas formas antigas de vida continuavam existindo até hoje.

“Mas os dinossauros não?”, Mika perguntou de novo.

“Não. Os dinossauros eram um tipo de répteis, e os répteis evoluíram a partir dos anfíbios, há muitos milhões de anos. Ainda existe uma variedade enorme de répteis aqui neste planeta, e alguns até se parecem um pouco com os dinossauros!”

Mika, sentadinho ao meu lado, começou a esticar bem os dedos. Pelo jeito, ele precisava movimentá-los para assimilar bem o que eu tinha dito. Daí repetiu:

“Tudo começou com algumas moléculas pequeninas, que conseguiram se dividir em duas. Daí surgiram os organismos de uma célula, e aos poucos muitas plantas e animais diferentes. Alguns se tornaram peixes do mar. E alguns desses peixes do mar evoluíram e viraram anfíbios, que eram capazes de

viver tanto na água como em terra. Ainda existem anfíbios neste planeta, como os sapos e as salamandras. Mas, muito tempo atrás, alguns desses anfíbios evoluíram e se transformaram num outro tipo de animais, que vocês chamam de *répteis*.”

“Muito bem!”

Fiquei impressionado ao ver como Mika aprendia depressa. Dava a sensação de que ele sugava da minha cabeça tudo o que eu sabia!

“As mudanças de geração em geração são minúsculas”, continuei. “Mesmo assim, essas mudanças podem ficar bem acentuadas quando o passar do tempo dá uma ajudazinha à natureza. E um bilhão, ou seja, mil milhões de anos, é uma bela ajuda! Mil milhões de anos é o mesmo que mil vezes mil vezes mil anos.”

Ele compreendeu depressa.

“Mas qual é a diferença entre um réptil e um anfíbio?”

Eu sabia a resposta para isso:

“Os anfíbios botam ovos na água, como os peixes. Mas os répteis botam ovos de verdade, ovos com uma casca dura em volta. Eles não precisam da água para se reproduzir, e por isso podem viver praticamente em qualquer lugar.”

“Muito espertos!”, disse Mika. “E esses répteis já são bem adiantados? Eles falam?”

Dei risada: “Não! Só os seres humanos têm essa capacidade”.

Mas Mika não ficou satisfeito. Queria saber mais.

“E você, de que tipo de animal você descen-

de?”

“O ser humano é um mamífero”, expliquei. “E os mamíferos se desenvolveram a partir dos répteis. Só que os mamíferos não botam ovos. Eles dão à luz filhotes vivos.”

Já tínhamos conversado sobre isso. Mika me olhou, confuso.

“Mas será que os mamíferos também não precisam botar um ovo para poder dar à luz um filhote vivo?”

Não pude deixar de rir outra vez, ao ver quanta coisa Mika não sabia sobre a vida neste planeta. Mas de certa forma ele tinha razão; eu é que não tinha pensado muito bem na pergunta. Os mamíferos também produzem pequeninos ovos, chamados óvulos, mas esses óvulos não precisam ter uma casca dura. E há um bom motivo para isso: eles se desenvolvem dentro da barriga da mãe. O ovo vai crescendo dentro dela até ficar pronto, e aí surge a criança viva.

Essa última parte era tão difícil de compreender que eu nem tentei explicar direito para Mika. A verdade é que eu mesmo não compreendia muito bem.

Sentado ao meu lado, Mika fitava a enseada e o mar ao longe — aquele mar de onde surgiu, um dia, a vida neste planeta.

“Um ovo é um milagre”, disse ele por fim.

Achei que nisso havia muita sabedoria. Mas ainda não conseguia entender por que ele se interessava tanto por ovos e dinossauros.

Durante todo o tempo que passamos falando sobre o mar e sobre a evolução da vida na Terra, não

parei de fazer cócegas no pescocinho de Mika. Ele gostava, sem dúvida, pois assim que parei, ele se levantou de um pulo e desceu correndo até a beira do mar. Eu não tinha permissão de ir até lá. Mas não fazia a menor idéia se Mika sabia nadar, e não podia correr o risco de deixar que ele se afogasse. Assim, também me levantei de um pulo e desci correndo atrás dele.

Lembrei-me então de lhe fazer uma pergunta que estava na minha cabeça desde que começamos a conversar sobre o mar. Logo que tínhamos chegado perto do mar, Mika reconheceu o barulho da água. Portanto, devia pelo menos saber o que era aquilo.

Perguntei: “Existe água no seu planeta?”.

Mika agitava as duas mãos, espirrando água. Depois agarrou um punhado de algas e sacudiu com força, dando um banho frio em *nós dois*.

Dai falou: “Se existir vida num planeta sem água, deve ser um tipo de vida muito diferente da que existe no seu planeta e no meu”.

Já que agora eu conhecia alguém que tinha vindo lá de um outro planeta, achei que não podia deixar escapar a chance. Mika sabia muito mais sobre o espaço sideral do que eu. Em compensação, não sabia nada sobre a vida neste nosso planeta. Estava aqui fazendo apenas algumas horas.

Perguntei: “Você acha que existe água em muitos planetas?”.

Primeiro ele fez uma reverência para a pergunta. Depois refletiu:

“Acho que não. Em primeiro lugar, um planeta com água não pode estar muito perto do Sol, senão a

água evapora. Mas também não pode estar muito longe do Sol, senão a água vira gelo.”

Começou então a correr pela plataforma do ancoradouro, e vendo um barquinho a remo, entrou desajeitadamente e começou a pular, fazendo que o barquinho balançasse. Fiquei morrendo de medo de que ele caísse no mar.

“Não pule assim dentro do barco!”

Por um momento achei que ele ia começar a chorar e berrar só porque eu lhe dissera para não fazer alguma coisa. Para que isso não acontecesse, me ocorreu fazer uma sugestão bem esperta, mesmo sabendo que era estritamente proibida:

“Ei, você não gostaria de remar um pouquinho?”

Eu não sabia remar muito bem. Mas ensinei Mika a usar um remo enquanto eu remava com o outro. Era assim que eu fazia com papai. Quando nos afastamos bastante da praia, recolhemos os remos e ficamos balançando ao sabor das ondas.

Havia uma linha de pescar no fundo do barco. Foi Mika que se curvou para apanhá-la. Acho que eu devia ter avisado, pois no mesmo instante ele espetou o dedo no anzol:

“Ai!”

Por sorte, o anzol não penetrou muito fundo. Mas quando eu o tirei... imagine só, Camila, quando tirei o anzol da pele de Mika, vi uma gotinha de sangue lhe escorrer pelo dedo. E essa gota de sangue não era vermelha. Era de um azul-escuro quase negro.

Quer dizer que ele vinha, mesmo, de outro planeta! Mika não tinha se desenvolvido a partir dos pei-

xes do mar — pelo menos dos peixes do nosso mar, pois os peixes também têm sangue vermelho. Mas se ele não era mamífero, então o que era?

Não consegui ficar muito tempo pensando nisso, pois Mika logo desandou a chorar aos gritos e berros. Eu me agachei e comecei a lhe fazer cócegas no pescoço, dizendo: “Pronto, pronto!”.

Logo, logo ele se acalmou.

Já que tínhamos tido tanto problema por causa do anzol, resolvi explicar para que servia. E Mika não era do tipo que a gente precisa convidar duas vezes. Dali vim momento ele estava atirando a linha na água.

Eu já tinha saído para pescar com meu pai muitas e muitas vezes. De vez em quando sentia uma mordida no meu anzol, mas só uma vez consegui pescar um peixe sozinho. Assim, achei um pouco injusto Mika conseguir um peixe logo na primeira tentativa.

Vi os repuxões na linha dele, e cochichei:

“O peixe mordeu! Agora enrole a linha e vá puxando.”

Logo depois o peixe estrebuchava no fundo do barco. Mika chorava e ria ao mesmo tempo. Parecia que nunca tinha visto um peixe vivo. Como não se atrevia a tocar nele, demonstrei como se quebrava a espinha do peixe e o pus no balde.

“Podemos comer peixe antes das panquecas”, falei.

Ele me olhou, apertando bem os olhos por causa da luz do sol.

“Panquecas?”

Tive que lhe contar que a tia Helena ia fazer panquecas para o almoço. Mas prometi que ia tentar

trazer para ele uma ou duas de contrabando.

Eu precisava descobrir se Mika já tinha pescado alguma vez na vida, ou se apanhar um peixe daqueles logo na primeira tentativa não passava de sorte de principiante. Perguntei:

“No seu planeta há muitos peixes no mar?”

Mika me olhou com uma expressão melancólica. Parecia estar prestes a chorar. Só fez que não com a cabeça.

Mudei de assunto depressa:

“Bem, mas imagino que haja outros animais lá no seu mar. Vocês conseguem pegá-los?”

Mas de novo Mika fez que não:

“Antigamente, havia muitas plantas e animais no mar. Mas, há algumas centenas de anos, a água ficou tão poluída que tudo o que havia lá dentro morreu.”

Isso me pareceu tão triste e terrível que fiquei com medo de começar a chorar também. Para disfarçar meus sentimentos, falei que era melhor pegar os remos e ir voltando.

Quando chegamos no ancoradouro, ensinei a Mika como amarrar o barco.

E foi assim, Camila, a nossa pescaria. Na volta, vim trazendo o baldinho com o peixe que Mika tinha pescado. Ele trouxe a lente de aumento que tínhamos deixado na Cadeira de Pedra.

No caminho até em casa, Mika se agachava a todo momento para examinar com a lente tudo o que via. Primeiro tentou examinar um pulgão que corria em ziguezague em meio à grama. Mas o pulgão *não* estava *com a* menor vontade de ser examinado e se

recusava a parar quieto.

“Olha!”, exclamou Mika. “É menor ainda que uma letra! Você não acha estranho que algo tão pequenino esteja tão vivo?”

Concordei plenamente. Não respondi à pergunta, mas fiz uma profunda reverência.

Um pouco depois vimos um lagarto rastejando pela pedra. Mika recuou.

“O que é isso?”

“Um lagarto. É um réptil, e portanto o relacionamento com os dinossauros. Mas existem répteis muito maiores. Em alguns países há répteis bem grandes, chamados crocodilos.”

Ele arregalou os olhos: “E eles falam?”

“Não, eles não são tão evoluídos!”

Quando chegamos perto dos arbustos de groselha, um gato preto veio correndo pelo jardim na nossa direção. Fiquei de cócoras, chamei o gatinho e ele se aproximou. Alisei seu pêlo macio e sedoso.

O gato miou por algum tempo e logo começou a ronronar.

“Não entendo o que ele está falando!”, disse Mika.

“É porque os gatos não falam”, expliquei.

“Mas eu ouvi quando ele disse *miau, miau*, e depois *prrrrrr!* Será que ele pensa?”

Essa eu não sabia responder. Mas estava bem certo de que nem os gatos, nem as vacas são capazes de pensar como nós. Eu já sabia que muitos animais conseguem aprender algumas habilidades. Mas, com toda a certeza, nenhum gato sabe que é um gato, vivendo num planeta que gira em volta de uma estrela

no espaço sideral.

“E esse aí, é *anfíbio* ou é *réptil*?”, perguntou Mika.

“Nenhum dos dois. Os gatos são mamíferos.”

“Quer dizer, não botam ovos”, concluiu Mika, pensativo.

Examinou com a lente o focinho do gato.

“Ele deve ser muito bom para cheirar as coisas!”

Nisso o gato fugiu correndo, e comecei a pensar no que fazer com Mika quando chegássemos em casa. Será que eu conseguiria escondê-lo da tia Helena?

Perguntei a Mika se ele gostaria de ficar me esperando no galpão das bicicletas, examinando as coisas com a lente de aumento. Expliquei que ali no chão viviam muitos animaizinhos pequeninos. Quando o terreno estivesse livre, eu viria encontrá-lo.

Pouco depois eu já estava entrando em casa, trazendo o balde com o peixe. Ainda não tinha pensado num jeito de explicar aquele peixe para a tia Helena, e agora lá estava ela, bem na minha frente.

“O que é isso aí dentro?”, perguntou horrorizada, como se o peixe fosse um monstro perigoso.

“É um peixe!” E logo me apressei a complementar: “É um vertebrado que só pode viver na água, porque não tem pulmões para respirar. Mesmo assim o relacionam comigo e com você, titia, porque todos nós descendemos dos répteis, os répteis descendem dos anfíbios, e os anfíbios descendem dos peixes do mar!”.

Titia deu um sorriso de resignação e passou a

mão no meu cabelo.

“Sei que você é um jovem naturalista em botão, mas quer me explicar de onde surgiu esse peixe?”

Era essa exatamente a pergunta para a qual eu ainda não tinha preparado uma resposta. Foi por isso que despejei toda aquela conversa em cima dela.

“Peguei de alguém que pescou”, falei.

E de fato era verdade, palavra por palavra. O estranho é que a tia não fez mais nenhuma pergunta. Apenas pegou o baldinho com o peixe e o pôs na pia da cozinha. Algo me dizia que ela não estava com a menor vontade de abrir e estripar o peixe, depois de toda aquela bagunça com a farinha.

Logo estávamos comendo nossas panquecas. Durante o almoço fui ao banheiro duas vezes, o que a tia Helena achou um tanto exagerado. A cada vez consegui raptar meia panqueca e escondê-la na minha bota de borracha, lá na entrada.

Depois do almoço, tia perguntou se eu queria sair com ela para fazer umas compras. Ela deve ter notado que fiquei contentíssimo quando ela falou em sair. Mas com certeza não esperava minha resposta:

“Acho que prefiro ficar em casa e fazer um desenho para o bebê.”

Ela disse que papai tinha telefonado de novo. Minha irmãzinha ou irmãozinho ainda não tinha chegado, mas não iria demorar.



o ovo



Assim que a tia Helena saiu para fazer as compras, pus as duas metades de panqueca num prato e fui correndo até o galpão das bicicletas, encontrar Mika. Mas o galpão estava vazio!

Corri em volta da casa e por fim dei com ele sentado no galinheiro, segurando um ovo que a galinha tinha acabado de botar.

“Ela botou um ovo!”, exclamou, como se isso fosse uma coisa muito especial e misteriosa.

Em geral nós criávamos só três ou quatro galinhas, mais por divertimento. Mas elas nos davam os ovos que usávamos para fazer panquecas e coisas assim.

“Cuidado!”, avisei.

Ele concordou, solene:

“Já sei, é porque desse ovo pode sair um filhote!”

“Um pintinho. As aves se desenvolveram a partir dos répteis, milhões de anos atrás, assim como os mamíferos.”

Mika apontou para uma galinha.

“De quanto em quanto tempo elas botam ovos?”

Fiz uma reverência especial para essa pergunta.

“Quase todo dia. Nenhum réptil, nem as aves selvagens fazem isso. Essas em geral só botam ovos uma vez por ano!”

Diante disso ele ficou tão espantando que não pude deixar de rir.

Expliquei: “Durante milhares de anos os seres humanos foram conservando as galinhas que botam mais ovos. E assim também conservamos as vacas

que dão mais leite, os carneiros que têm mais lã, os cavalos mais fortes e mais rápidos. Esses que nós criamos se chamam animais domésticos”.

Mika pôs o ovo no chão com todo o cuidado e veio me encontrar, saindo do galinheiro.

Voltamos para a casa e entramos na cozinha. Mika notou algumas cascas de ovo num prato, deixadas pela tia Helena quando tinha preparado as panquecas. Mas ficou tão perturbado com as cascas que tapou os olhos para não ver.

Mesmo assim, logo depois ele estava acomodado na mesa da cozinha comendo sua panqueca. Acabou se lambuzando todinho de geléia de uva, até ficar num estado deplorável. Quando terminou de comer as duas metades, levei-o até o banheiro.

Subi num banquinho e pus Mika dentro da banheira nova do bebê. Peguei minha esponja e comecei a lavar seu rosto e a barriga.

Foi só aí que eu reparei! E guardei essa grande notícia para lhe contar agora: Mika não tinha umbigo! Percebe, Camila? E você imagina o susto que eu levei?

Todos os seres humanos têm um umbigo no meio da barriga. Isso porque, quando ainda estão dentro da mãe, recebem o alimento através de um tubo ligado ao umbigo, chamado cordão umbilical. Mas Mika não tinha umbigo. Sendo assim, como será que ele tinha nascido?

Fiquei tão espantado que não sabia o que dizer. Tratei de secá-lo com a toalha e ajudá-lo a descer da banheira. Mika saiu correndo e entrou no quartinho ao lado — o quarto do meu futuro irmãozinho. Apontou para o berço onde o bebê ia dormir, e num

instante se enfiou lá dentro.

Para ele entender o que era um berço, comecei a balançá-lo devagarzinho, para lá e para cá. Mika riu, na maior felicidade, e logo pulou fora do berço.

“Vou ganhar um irmãozinho”, expliquei. “Ele vai dormir nesse berço.”

“Por mim tudo bem”, respondeu Mika, parecendo um pouquinho, só um pouquinho, chateado. “Tenho que voltar para casa antes de acordar.”

Olhou ao redor do quarto, intrigado, e disse:

“Não estou vendo nenhum ovo!”

Nesse momento, algo começou a clarear na minha mente. Sim, Camila, acho que você sabe o que é — está ficando quente!

Descemos para a sala. Na prateleira debaixo da mesinha de centro havia um grande álbum de fotografias. Abri o álbum em cima da mesa e sentei no sofá. Logo Mika veio sentar-se ao meu lado.

“Isto aqui é um álbum de fotografias”, falei.

Ele me olhou, sério. Era óbvio que não tinha a menor idéia do que era um álbum de fotografias.

“Espera um minuto”, falei.

Subi para o quarto e peguei minha máquina fotográfica. Lembro até que verifiquei o flash para ver se estava funcionando. Daí descí correndo e tirei uma foto de Mika. Procurei mostrar bem a sua barriga na foto, para depois todos verem que ele não tinha umbigo.

“Clique!”, fez a máquina — e foi um “clique” inesquecível. Se Mika saísse correndo de repente, pelo menos eu já tinha uma prova concreta do nosso encontro.

Mika se assustou com o flash, e tive de lhe fazer o famoso carinho na nuca para ele não chorar. Dali a pouco abri o álbum de fotos na primeira página e falei:

“Este álbum está cheio de fotos da minha família, fotos que nós tiramos um do outro. Logo mais vou pôr uma foto sua aí também.”

Mostrei a ele as fotos de mamãe e papai quando eram namorados. Daí vimos uma foto da mamãe com a barriga bem grande, quando eu estava para nascer.

“Eu estou dentro da barriga dela. Isso foi pouco antes de eu sair.”

Sim, algo começava a clarear na minha mente. E era evidente que Mika também tinha compreendido alguma coisa. Falou baixinho:

“Filhotes vivos...”

Fui folheando o álbum e encontrei uma foto que papai tirou quando eu estava mamando no peito da minha mãe:

“Esse aí sou eu. Quando eu sentia fome, tomava leite da minha mãe.”

Mika arregalou os olhos: “Leite?”

Não pude deixar de rir, mas agora de mim mesmo. Pois se Mika não sabia o que era um mamífero, naturalmente não saberia também o que era leite!

“É a comida dos bebezinhos”, falei.

Ele desviou os olhos do álbum. Acho que senti um pouco de repugnância por essa foto onde eu aparecia mamando no seio da mamãe.

“Então como se explica”, perguntou ele, “que você e eu sejamos tão parecidos?”

Pois eu vinha refletindo justamente sobre isso! Parecia que Mika tinha tirado a pergunta da minha boca, por isso nem me dei ao trabalho de fazer uma reverência.

Se Mika não era mamífero como eu, então como era possível que nossa aparência fosse tão semelhante?

Eu já devia ter pensado nisso muito tempo antes. Mika tinha vindo lá de um outro planeta no espaço sideral. Mas se ele tinha vindo de um planeta com uma história totalmente diferente da nossa, como era possível que fôssemos tão parecidos?

Pois muito bem, Camila, essa charada acabou sendo resolvida pelo próprio Mika. E já, já vou esclarecer tudo para você também!

Já eram cinco horas da tarde. Tinham se passado mais de doze horas desde que papai havia entrado no meu quarto para me acordar. Eu sabia que tia Helena estava para voltar das compras a qualquer momento. Peguei uma caneta e um pedaço de papel e escrevi um bilhete:

Querida Tia Helena,

Desculpe, mas preciso sair para descobrir uma coisa importante. Tem algo a ver com o peixe e a farinha. Mas tem a ver com o meu irmãozinho também. Volto na hora de dormir.

Beijos,
Joakim

Mamãe e papai costumavam deixar bilhetes assim um para o outro, quando um dos dois precisava

sair para fazer algo importante. Mas acho que essa foi a primeira vez que eu mesmo escrevi um bilhete.

Peguei Mika pela mão e saímos. Subimos na colina que havia em frente de casa e sentamos num monte de pedras, um marco que papai e eu tínhamos erguido fazia muito tempo. Mamãe e papai chamavam essa colina de Montinho. Dali do Montinho podíamos ver a casa e também o mar até lá longe, com suas ilhotas e recifes.

As gaiotas soltavam seus gritos agudos — o que era ótimo, pois só elas seriam capazes de abafar os gritos de Mika se ele comesse outra vez!

Quando estávamos sentados na Cadeira de Pedra, lá embaixo, perto da praia, eu tinha contado a Mika sobre o mar e a evolução da vida na Terra. Agora era a sua vez de me contar como era a vida lá no planeta dele.

Ele continuava abanando os dedos, e de vez em quando chupava o polegar. Mas assim que começou a contar sobre a vida no seu planeta, até parecia meu pai falando.

“Venho do planeta Eljo”, disse Mika. “Lá também a vida começou no mar, há bilhões de anos. Exatamente de que maneira isso aconteceu, ninguém sabe. Mas hoje existem muitas espécies diferentes de animais em Eljo.”

Igualzinho aqui, pensei. Embora eu e Mika fôssemos de planetas diferentes, estávamos falando da mesma coisa.

Ele continuou: “Há centenas de milhões de anos, existiam alguns animais em Eljo que se pareciam um pouco com os dinossauros daqui. Eles também

botavam ovos de casca dura. Nós chamamos esses animais de *mumbos*. Mas lá não temos nenhum animal que dá à luz filhotes vivos”.

“Nesse caso, de onde vêm as pessoas como você?”

Mika estava tão ansioso para falar que nem teve tempo de fazer uma reverência para a minha pergunta. Respondeu, sempre mexendo os dedos:

“No nosso planeta não aconteceu nenhuma grande mudança que causasse a morte dos mumbos, portanto eles continuaram evoluindo. Hoje alguns de nós sabem falar e também fazer perguntas inteligentes sobre o espaço sideral. Mas eu também sou um mumbo...”

Imagine, Camila: *Eu também sou um mumbo!*

Mika continuou:

“Antes de vir ao mundo eu estava dentro de um ovo, que minha mãe e meu pai punham numa almofada grande, num quarto bem aquecido. Eles nunca se atreviam a deixar o ovo sozinho quando queriam sair de casa. Sabe, lá em Eljo existem uns animais maldosos que vivem de roubar os ovos dos outros. Por isso, eles punham o ovo num carrinho e me levavam para todo lugar. Diziam que o ovo era o seu ‘tesouro’, e não eram os únicos pais que davam esse nome ao seu ovo. Em Eljo, um ovo é considerado o tesouro mais valioso que existe.”

Eu tinha conversado com Mika quase o dia todo, mas só agora compreendia de que maneira ele tinha nascido.

Ele continuou: “Meus braços e pernas logo ficaram tão fortes que o ovo começou a rachar quando

eu dava pontapés ou mexia os braços. Durante esse período, todos os meus parentes ficavam sentados em volta do ovo, observando com a maior atenção”.

Respirei fundo e soltei o ar todo de uma vez. Falei então:

“E aí... você... saiu do ovo?”

Ele fez que sim.

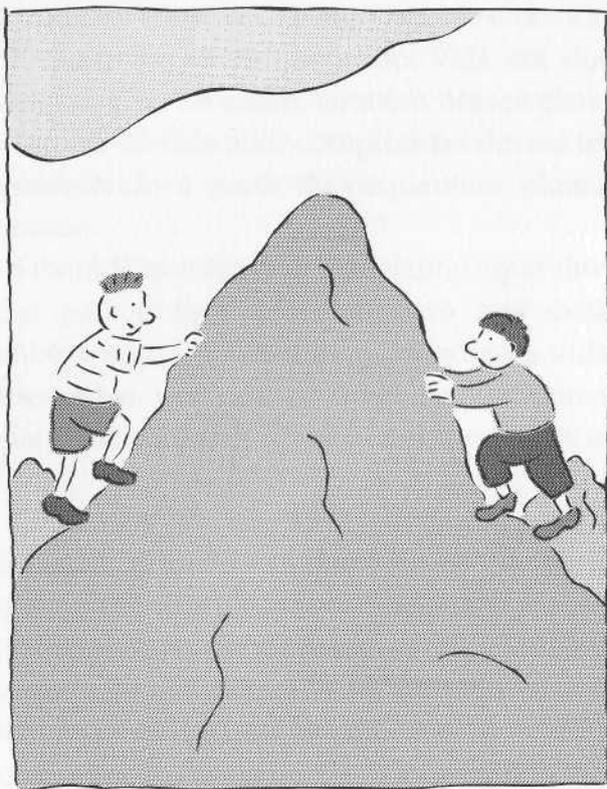
“Quer dizer, não me lembro de absolutamente nada. Mas acho que fiquei ofuscado com o brilho da luz. Dentro do ovo o escuro era quase total. E acho que também quase não entrava nenhum som ali. A única coisa que eu fazia era ficar enroladinho, chupando os dedos.”

Camila, você está prestando atenção? Isso que Mika estava dizendo me parecia emocionante e misterioso. Mas, na verdade, não era mais misterioso do que tudo o que eu tinha lhe contado sobre a história da Terra e sobre o meu irmãozinho que estava para nascer. E só naquele momento entendi por que Mika achava tão difícil compreender o que era um mamífero.

O mais estranho, realmente, era a nossa semelhança. Com um passado tão diferente, como se explica que nós dois acabamos sendo tão parecidos?



a montanha



Eu já gostava muito de ciências naturais quando conheci Mika, e continuo gostando. E até hoje não consigo simplesmente descartar tudo o que Mika disse, como sendo algo incerto e duvidoso.

É muito provável que exista vida em outros planetas. E se for assim, também nesses planetas as formas de vida mais complicadas devem ter se desenvolvido a partir de pequeninas plantas e animais.

Sabemos que existem leis naturais que são válidas para todo o universo. Será que existem também regras sobre a maneira como a vida se desenvolve, partindo de organismos de uma só célula até chegar a seres pensantes como eu e você?

Creio, também, que Mika tocou num ponto importante a respeito dos dinossauros que viveram aqui há milhões de anos. Hoje muitas pessoas acreditam que os dinossauros se extinguíram porque a Terra foi atingida por um enorme meteorito vindo do espaço sideral. A chance de isso ocorrer era a mesma que uma pessoa tem de ganhar na loteria apostando numa fileira de números seguidos. Mas se isso não tivesse acontecido, com certeza os dinossauros teriam continuado a se desenvolver. Quem sabe, então, seriam os descendentes deles que iriam construir cidades e naves espaciais, hospitais e computadores, universidades e academias de ginástica...

Acontece que esse meteorito provocou mudanças tão enormes no meio ambiente da Terra que todos os dinossauros morreram, e outras formas de vida passaram a dominar. E foi assim que os primeiros a pisar na Lua foram os descendentes dos mamíferos. Os répteis perderam a corrida.

“O bom de visitar um planeta desconhecido”, disse Mika, “é que a gente começa a compreender melhor o nosso próprio planeta. Pois cada planeta tem suas vantagens, mas também suas desvantagens.”

Agora ele estava falando igualzinho ao papai. A única diferença é que quando papai falava, não ficava abanando as mãos nem chupando o polegar.

Mika continuou: “Nos lugares onde há montanhas íngremes, é importante saber escalar bem. Nas planícies abertas, é mais útil ser capaz de correr depressa. E onde há muitos predadores, ajuda muito ler um gosto ruim na carne. Melhor ainda — ser venenoso! Mas o melhor de tudo, mesmo, é ter inteligência”.

Concordei com vigor. Ele prosseguiu:

“Quem sabe a vida está evoluindo na mesma direção em todos os planetas?”

Aí fiquei perdido.

“Como, na mesma direção?”

Ele fez uma reverência solene.

“Nós dois somos bem parecidos, não acha?”

“Claro!”, respondi. “Mas a questão é saber por quê!”

“Nossa tarefa”, disse ele, “é levar adiante a nossa espécie. Para isso, precisamos de alimento e calor, para podermos crescer e um dia botar um ovo ou dar à luz um bebê vivo, ou ajudar nesse processo. Mas nem tudo o que parece comida é comestível. Por isso, é muito útil ter a capacidade de sentir o gosto das coisas. E para sentir o gosto do que vamos pôr na boca, precisamos de uma língua.”

Respirou fundo e exclamou:

“Já é uma semelhança!”

Veja, Camila, já é uma semelhança! Imagine como seria comer panquecas com geléia de morango, se a gente não pudesse sentir o gosto do que está comendo! E um ovo podre, então? Quantas coisas podemos provar e saborear — você já tentou contar?

Mika pôs de novo o polegar na boca. Depois tirou e voltou a falar:

“O problema é que quando percebemos que uma coisa tem gosto ruim, ela já pode estar nos envenenando. Portanto, é muito útil ser capaz de distinguir o cheiro das coisas. Há muitos animais que conseguem farejar uma comida gostosa a uma grande distância. Também é muito importante sentir o cheiro de um inimigo ou de algum perigo que se aproxima.”

“Nesse caso”, disse eu, “é por isso que nós dois temos nariz para cheirar. Aí está outra semelhança!”

Lembrei-me daquela vez em que nosso barco a motor começou a vaziar gasolina. Fui o primeiro a perceber o cheiro. Se nenhum de nós sentisse aquele cheiro venenoso, poderíamos sofrer um grave acidente.

Realmente, a capacidade de cheirar à distância me parecia um grande mistério. Poucos dias antes eu estava no jardim, perto dos pés de groselha, quando de repente meu nariz me avisou que minha mãe tinha posto um bolo no forno. Subi correndo até em casa e entrei na cozinha gritando: “Bolo! Bolo!”

Mas como foi que o cheiro daquele bolo conseguiu viajar pelo ar até o meu nariz, lá embaixo nos pés de groselha? E como foi que o meu nariz conseguiu dizer ao meu cérebro que estava sentindo cheiro de bolo quente no forno, e não, por exemplo, cheiro

de pão ou de waffles?

Perguntei: “Você gosta de bolo?”.

“Bolo?”

Era óbvio que Mika não tinha a menor idéia do que era bolo.

“Talvez a gente não goste das mesmas coisas”, disse ele, “e nem sinta o cheiro das coisas da mesma maneira. O que, para um de nós, é bom para comer, pode ser até veneno para o outro. Mas ter a capacidade de sentir cheiro e sabor é muito importante em qualquer planeta.”

“Pelo menos aqui na Terra e em Eljo”, falei.

Mika concordou:

“Tanto no seu planeta como no meu, a vida evoluiu de muitas maneiras diferentes. Mas algumas dessas maneiras talvez sejam iguais nos dois planetas, o meu e o seu.”

Mika ficou ali sentado brincando com o mato que crescia entre as pedras. Acho que as folhinhas faziam cócegas na ponta dos dedos dele.

“Tanto o seu povo como o meu têm o corpo recoberto de pele”, disse ele. “Isso também pode ser muito útil, já que a pele nos permite sentir a textura daquilo que tocamos. Em Eljo há umas pedras negras que ficam tão quentes ao sol que queimam a pele de quem pisa. Sendo assim, é bom poder sentir esse calor imediatamente, e recuar antes de machucar os pés. Também há plantas e animais que têm espinhos ou que soltam uma seiva venenosa, e nós percebemos isso assim que chegamos perto deles. No mesmo instante que entramos em contato com um desses perigos, as extremidades dos nervos enviam um sinal para

o cérebro. Daí, o cérebro manda de volta uma mensagem igualmente rápida, avisando para nos afastarmos depressa.”

Num gesto súbito, Mika tirou as duas mãos da grama, só para me fazer ver com que rapidez seu cérebro enviava as mensagens. Ergueu a mão e mostrou o cortezinho no dedo:

“Se eu não tivesse nervos nos dedos, aquele anzol teria me machucado bem mais. É muito bom termos a capacidade de sentir pelo tato tudo o que nos rodeia, pois há perigos e inimigos à espreita em todo lugar. Creio que o tato deve ser uma grande vantagem em qualquer planeta, no universo inteiro.”

“E aí está outra semelhança!”, falei rápido, antes que ele tivesse a chance.

Mika concordou, solene. Dali a um momento me olhou com um sorriso malandro e disse:

“E, além disso, é gostoso sentir cócegas na nuca!”

As gaivotas soltavam seus gritos agudos, sobrevoando a baía. Mika abanou os dedos e apontou para elas.

“Por que você acha que elas estão gritando desse jeito?”

Eu não tinha certeza se sabia responder a essa pergunta, mas não vi mal nenhum em arriscar um palpite:

“Quem sabe elas estão avisando uma à outra onde encontrar comida?”

Ele concordou:

“Deve ser uma grande vantagem, tanto no seu planeta como no meu, ser capaz de ouvir. Por exem-

plo, se um perigo nos ameaça, é muito útil poder ouvi-lo a uma grande distância. Assim temos tempo de nos esconder, ou de preparar a defesa. Também é muito importante poder dar um grito de alerta para um irmão ou irmã menor que esteja fazendo alguma bobagem. Mas, para isso, precisamos de ouvidos para escutar.”

“Nós temos dois ouvidos”, disse eu. “Um só não seria suficiente?”

“Se tivéssemos apenas um ouvido, não conseguiríamos determinar de onde vem o som. E em geral isso é o mais importante.”

“Por quê?”

Ele fez uma profunda reverência.

“É importante para resolver em qual direção fugir.”

Dei uma olhada para os ouvidos de Mika. É verdade que eram um pouco diferentes dos meus, mas não muito. Eram dois buraquinhos nos lados da cabeça, como os meus.

“E aí está outra semelhança”, falei.

Por um momento permanecemos sentados bem quietos, ouvindo as gaivotas. Só de vez em quando elas ficavam em silêncio, e aí podíamos ouvir as ondas batendo nas rochas.

Falei:

“Também podemos ouvir as ondas do mar.”

Algumas florzinhas rosadas cresciam em meio ao mato e às pedras. Mika apanhou uma e a levou para bem perto dos olhos.

“O mais surpreendente de tudo é que nós conseguimos ver o mundo ao nosso redor.”

“Sim”, falei, “é por isso que temos olhos para ver. E aí está mais uma semelhança!”

O sol já estava bem baixo no céu. Mika apontou para aquela enorme cara vermelha e flamejante, tal como tinha feito ao nascer do sol pela manhã, tantas horas antes.

“Podemos enxergar e encontrar comida, e perceber um perigo que se aproxima”, disse ele. “Mas, felizmente, podemos enxergar muito mais do que esse mínimo essencial. Podemos olhar nos olhos um do outro e perguntar no que a outra pessoa está pensando. Podemos também fitar o espaço e sonhar com a vida em outros planetas.”

Fiquei ali pensando no que Mika acabara de dizer. Não era estranho que eu fosse capaz de sentar lá em cima do Montinho e ver o mar, os recifes e as ilhas, simplesmente porque tinha ganho um par de olhos para enxergar? Mika também ficou calado um longo tempo. Daí falou:

“Um ovo é um milagre...”

Ele já tinha dito isso. Mas agora disse algo mais:

“Dentro do ovo há um par de olhos se formando, olhos que um dia vão descobrir esse mundo imenso, enorme, do qual todos nós somos uma pequenina parte. É como se o mundo todo estivesse crescendo ali no escuro, dentro desse ovo.”

Ou dentro da barriga da mamãe, pensei. Pensei, mas não falei.

“Já estamos começando a ver que somos muito parecidos”, disse Mika. “Podemos ver e ouvir, perceber o sabor e o cheiro das coisas, e senti-las com o

tato. Creio que esses cinco sentidos são valiosos em qualquer lugar do universo.”

“Mas muitos outros animais também fazem tudo isso. E eles não se parecem nada conosco.”

Ele já tinha pensado nisso.

“Nós não precisamos de quatro pernas para andar. Em algum ponto do passado, há milhões de anos, tanto os seus antepassados como os meus se levantaram nas duas pernas de trás. Com isso os membros dianteiros puderam se desenvolver, formando os braços e as mãos.”

Eu já tinha conversado com papai sobre isso. Enquanto os animais andavam de quatro, não conseguiam fazer nada com as mãos.

“Mas por que nós não temos quatro pernas e dois braços?”, perguntei. “Ou três pernas e seis braços, por exemplo?”

Essas perguntas fizeram Mika caprichar numa elegante reverência. Daí ele explicou:

“Porque tanto eu como você descendemos de animais de quatro pernas.”

Eu já tinha pensado nisso muitas vezes. Os anfíbios só tinham quatro patas — exatamente o suficiente para duas pernas e dois braços.

Mesmo assim, eu não estava totalmente satisfeito com a resposta de Mika. Não era meio estranho que tanto eu como ele descendêssemos de pequenas criaturas de quatro patas? Por que um de nós dois não poderia ser parente de um animal de seis ou oito patas?

Era como se ele tivesse lido meus pensamentos:

“Imagino que nós não conseguiríamos fazer muito mais coisas se tivéssemos quatro mãos em vez de duas. E também não precisamos de mais do que duas pernas para andar. Se duas são suficientes, então basta. Não há motivo para alimentar mais braços e pernas do que o necessário.”

Você está acompanhando, Camila? Até hoje acho extraordinário que os anfíbios já tivessem tudo o que era necessário para fazer o ser humano. Eles saíram do mar rastejando lentamente nas quatro patas. Nem mais, nem menos. E dentro deles já havia todos os genes que me possibilitaram estar aqui escrevendo esta história para você, milhões e milhões de anos depois. Às vezes até fico pensando se eles sabiam aonde estavam indo...

“Então quer dizer que tanto os mumbos como os mamíferos se levantaram nas duas pernas de trás”, Mika repetiu. “E essas duas mãos que ficaram livres foram importantes para ajudar o cérebro a se desenvolver.”

“Por quê?”

Mika fez uma reverência.

“Nossos antepassados já podiam usar as mãos para fabricar ferramentas e utensílios que facilitavam a vida. Mas para que as mãos pudessem ser úteis, o cérebro tinha que se desenvolver também. Aqueles que conseguiam fazer alguma coisa engenhosa com as mãos levavam uma grande vantagem sobre os outros, que só ficavam com os braços balançando e as mãos ociosas. A capacidade de aprender certos truques proveitosos tornou-se muito importante.”

“Agora estamos ficando cada vez mais pareci-

dos”, falei.

Ele concordou:

“Uma das semelhanças mais importantes entre nós é que temos a capacidade de pensar. Tanto aqui como em Eljo a natureza passou bilhões de anos desenvolvendo essa capacidade.”

“É por isso que temos a cabeça grande.”

Ele não respondeu. Mas depois de alguns instantes olhou para mim e fez uma pergunta que já devia estar na sua mente fazia muito tempo:

“Será que sua mãe não vai sentir um pouco de dor quando seu irmãozinho, com aquela cabeça grande, forçar para sair de dentro dela?”

Mordi o lábio.

“Acho que sim”, falei.

“Cada planeta tem suas desvantagens”, Mika repetiu.

“Mas tem gente lá no hospital para ajudá-la”, acrescentei depressa.

“Isso mesmo!”, exclamou ele, esticando e abanando os dedos com energia. “Era exatamente o que eu ia dizer!”

“O quê?”

“É importante que as pessoas como eu e você consigam ajudar umas às outras. E por isso é bom que a gente seja capaz de falar um com o outro. Ninguém poderia viajar para outros planetas se não tivesse essa capacidade. É outra semelhança importante entre nós!”

Eu estava pensando algo bem parecido. “Um pequeno passo para o homem, um passo gigantesco para a humanidade”, tinha dito o astronauta Arms-

trong ao pôr o pé na superfície da Lua. Quando ele disse isso, foi quase como se ele tivesse levado a humanidade inteira para a Lua. Ele não foi até lá só para si mesmo.

“É um grande passo para o homem”, murmurou Mika.

Levei um susto. Ele acabava de dizer justamente aquilo que eu estava pensando!

“O que foi que você disse?”

Ele fez uma reverência rápida. Daí repetiu em alto e bom som:

“Um pequeno passo para o homem, um passo gigantesco para a humanidade.”

Diante disso fiquei totalmente confuso, quase atordoadado.

“Como você sabia disso?”

Agora foi a vez dele de pular de susto. Tapou a boca, e acho que ficou um pouquinho vermelho no rosto.

“Desculpe!”

Eu queria compreender bem essa história. Como foi que Mika conseguiu dizer algo que eu estava pensando sozinho com meus botões? Eu nunca tinha mencionado a ele o pouso na Lua. E com certeza ele não estava na Lua quando Armstrong disse essas famosas palavras!

“Desculpe o quê?”

“Eu disse o que você estava pensando... Foi um pouco de atrevimento da minha parte, mas seus pensamentos me pareceram tão interessantes que eu esqueci de me controlar.”

Explicou então que era comum os mumbos de

Eljo lerem os pensamentos um do outro. Assim conseguiam, por vezes, ter longas conversas sem trocar uma única palavra.

“E pode ser muito útil também”, disse ele. “Estou neste planeta há apenas algumas horas. Como você acha que eu saberia falar a sua língua, se não lesse os seus pensamentos?”

Dei de ombros. Não sabia o que responder.

“E como você acha que eu consegui aprender tanto sobre a vida neste planeta?”

Só pude dar de ombros outra vez.

“Mas nesse ponto”, falei, “não há semelhança entre nós dois. Aqui neste planeta nós não conseguimos ler os pensamentos um do outro.”

Acho que ele ficou preocupado, com medo de dizer mais alguma coisa errada.

“Bem, quem sabe vocês aqui são capazes de fazer outras coisas que os mumbos não sabem fazer.”

Eu precisava pensar em algo bem inteligente. Aí lembrei de como Mika ficou assustado quando o telefone tocou:

“Nós podemos falar com pessoas que moram do outro lado da Terra!”

Ele arregalou os olhos.

“É mesmo?”

“Este planeta todinho é um emaranhado de fios de telefone.”

Agora ele me fitou com um olhar de inveja, e disse:

“Cada planeta tem suas vantagens!”

Está prestando atenção, Camila? Fiquei alarmado ao descobrir de repente que Mika era capaz de

ler meus pensamentos. Mas acho que ele ficou igualmente admirado ao saber dos nossos fios de telefone! Hoje, eu poderia falar também sobre os computadores. Nós praticamente já nem precisamos ler o pensamento uns dos outros, agora que temos o telefone, o computador e a internet.

Assim, finalmente consegui uma explicação de como Mika sabia falar a nossa própria língua. Eu já tinha ficado surpreso com a facilidade com que ele falava sobre a evolução da vida na Terra. Mas isso acontecia porque ele pegava os meus próprios pensamentos emprestados!...

“Mesmo assim”, perguntei de novo, “não é estranho nós dois sermos tão parecidos, já que viemos de dois planetas diferentes?”

Foi então, Camila, que Mika me falou sobre a montanha alta e os vales. Primeiro olhou a paisagem ao longe, depois pousou a mão solenemente na pilha de pedras que eu e papai erguemos.

“Se você morasse num vale bem profundo, e eu viesse de outro vale profundo, não poderíamos sair dos nossos vales, subir e acabar dando as mãos no topo de uma montanha bem alta?”

Como era uma pergunta, fiz uma reverência rápida, mas não entendi bem o que ele queria dizer. Ele continuou:

“Mesmo que existissem muitos caminhos para o topo dessa montanha, a montanha em si seria exatamente a mesma. E nós dois já devíamos ser semelhantes desde o início, pois cada um de nós era um tipo de alpinista. Ali, no topo da montanha, poderíamos construir juntos um grande marco de pedras. E

então poderíamos sentar e descansar depois dessa longa escalada. Finalmente, ali poderíamos esquecer todas as nossas preocupações, grandes e pequenas, e deixá-las lá embaixo, nos vales.”

Eu me levantei.

“Você quer dizer que você vem de um planeta e eu venho de outro bem diferente, mas mesmo assim podemos nos encontrar no alto da mesma montanha?”

Ele concordou:

“Não se trata só de saber de onde viemos. A questão também é para onde vamos. Meu passado e o seu são diferentes, talvez muito diferentes. Eu sou um mumbo, e você é um mamífero. Mas aos poucos, com o passar do tempo, meu povo e o seu foram ficando mais parecidos.”

Estávamos agora discutindo assuntos tão complicados que quase davam um pouco de medo.

Mika disse então: “Tanto no seu planeta como no meu, a vida se desenvolveu a partir de organismos simples, de uma só célula. E de que outra forma ela poderia começar? A evolução foi então aperfeiçoando cada vez mais os sentidos e o sistema nervoso. A evolução vem se direcionando para um cérebro cada vez mais complexo e uma compreensão cada vez mais ampla do mundo em que vivemos. E que outra direção ela poderia tomar?”

Fiz uma reverência para essa pergunta. Daí dei de ombros, pois não sabia responder.

“Tudo começou nos oceanos profundos”, continuou ele. “E agora aqui estamos nós, apreciando as ilhas e os recifes.”

“Quem sabe o objetivo não era esse mesmo?”

Mika lançou um olhar quase altivo para a paisagem.

“Há muito tempo, este planeta estava adormecido. Lentamente, foi se agitando e criando vida. O mar marulhava, a relva farfalhava, as asas se agitavam sobre as águas. Mas só agora o planeta acordou. Só agora ele está desperto — ou quase. Vocês, que vivem aqui, aos poucos foram compreendendo a história do planeta. Já estiveram na Lua, e já descobriram aquele ponto mágico onde em cima vira embaixo e embaixo vira em cima. Mais ainda: vocês lançaram seu olhar para o universo. E lá, talvez, conseguiram avistar algo muito maior.”

“Sim”, falei baixinho, extasiado. “É verdade.”

Eu não sabia bem o que dizer, pois já tínhamos chegado quase ao topo daquela montanha alta.

Agora estávamos falando sobre a montanha em si, e não sobre a longa escalada até ela. Falei por fim:

“Talvez existam outros sentidos que nós não possuímos.”

“Sim, talvez”, disse Mika, numa voz tão alta e clara que até levei um susto. “Estamos aqui sentados num planeta no espaço, conversando sobre como todas essas peças poderiam se encaixar. Eu bem que gostaria de ter um sentido que me permitisse cheirar ou enxergar exatamente onde tudo se originou.”

Não me inclinei para tal resposta, mas guardei essas sábias palavras no coração.

Dali a um momento ele apanhou uma pedrinha do chão.

“O que é isso?”

“É só um pedacinho de granito, uma pedra comum.”

Achei que era muito simples responder àquela pergunta, mas Mika atalhou:

“Nada no mundo é comum. Tudo o que existe faz parte de uma grande charada. Eu e você também. Nós somos a charada que ninguém consegue solucionar!”

Segurou a pedrinha bem alto para eu vê-la melhor, e continuou:

“De onde vem esta pedra? É um pedacinho de um planeta, claro, e o planeta é um pedacinho do universo. Mas o que é o universo? E de onde veio o mundo?”

Só consegui abanar a cabeça. Para essa pergunta eu não tinha resposta. Não quis nem arriscar um palpite para responder a essa que é a maior de todas as charadas.

Mika depositou então a pedrinha bem no alto da pilha. Pensei: agora ele também ajudou a construir o nosso marco.

Perguntei então: “Você acredita que tudo começou a existir por si mesmo? Ou acredita que existe um deus que fez todas as coisas?”

“Não sei. Mas acho que os dinossauros não perguntavam esse tipo de coisa. Nem os antigos mumbos de Eljo.”

Não pude conter um sorriso. Quase soltei uma bela risada. Falei:

“Mas nós perguntamos! E aí está outra semelhança entre nós dois.”

Mika também deu um largo sorriso.

“Talvez a mais importante de todas!”

Daí disse algo que nunca esqueci:

“Se existe Deus, quem é ele? E se não existe Deus, o que é o universo?”

Levei muito tempo refletindo sobre essas perguntas. Se existe um deus que criou o universo inteiro, quem é ele? Ou o que é ele? E onde estará ele? Mas se o universo é independente, então o que é o universo?

“No que você acredita?”, perguntei de novo.

Mika fez uma profunda reverência.

“Não tenho tanta certeza de que o universo é obra do acaso.”

“Mas você acredita num deus que fez tudo?”

Ele fez outra reverência. Depois perguntou:

“Você promete aceitar minha resposta simplesmente como uma resposta?”

“Claro que sim!”

Achei que ele estava querendo dizer que eu deveria considerar sua resposta *apenas* uma resposta. Ou seja, lembrar que uma resposta sempre vale muito menos do que uma pergunta.

Seus olhos cintilaram, rápidos.

“A força da gravidade faz um planeta girar em torno do seu sol. E a Lua atrai o mar, originando a maré alta e a maré baixa.”

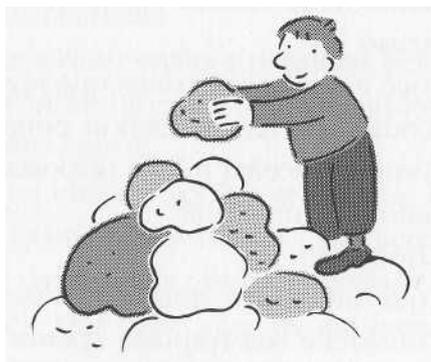
Disso tudo eu já sabia. Mas então ele se saiu com esta:

“Você não acha que deve haver também uma força que nos puxou para fora dos oceanos, e nos deu os olhos para ver e o cérebro para pensar?”

Não tinha a menor idéia do que responder. Li-

mitei-me a dar de ombros. Mika disse por fim:

“Às vezes penso que as pessoas que não acreditam nisso devem ter um sentido importante a menos.”



a noite



O sol já ia mergulhando no mar por entre as rochas. De repente ouvimos uma voz aguda, mais aguda ainda que a gritaria das gaivotas:

“Jo-a-kim!”

Era a tia Helena. Estava correndo no jardim lá embaixo, à minha procura.

“Tenho que voltar para casa correndo”, falei. “Acho que vou precisar até ir para a cama!”

Minha tia Helena poderia vir me procurar no Montinho a qualquer momento, pois sabia que eu às vezes subia até lá para pensar um pouco. Levantei de um pulo e sai correndo. Daí ouvi a voz de Mika atrás de mim:

“Acho que eu vou acordar daqui a pouco.”

Encontrei a titia no jardim. Falou que já eram quase oito horas e que fazia um tempão que estava me procurando. Tinha lido meu bilhete e achou minha letra muito melhor. E agora eu precisava jantar e ir para a cama!

Enquanto eu jantava, pensava em Mika. Onde estaria ele? Será que estava conseguindo se cuidar? E o que será que ele quis dizer quando falou que ia acordar dali a pouco?

Logo depois eu já estava na cama, pronto para dormir. Eram oito e meia. Tia Helena me deu boa-noite e apagou a luz. Ia dormir lá embaixo, no sofá da sala. A última coisa que ela disse antes de descer foi: “É hoje à noite que sua irmãzinha ou irmãozinho vai chegar!”.

Daí comecei a pensar no irmãozinho. Eu tinha certeza de que ia ser menino.

Bem, pelo menos eu já tinha uma boa prática

de falar sobre o mundo! Pois era eu que ia ter que explicar ao meu irmãozinho como foi que tudo começou a existir por aqui.

Acho que dormi um pouco. De repente acordei com umas batidinhas na janela.

Era Mika! Tinha conseguido subir no telhado. Saí da cama e abri a janela, sussurrando: “Psiu!”.

Ele cochichou: “Vamos olhar as estrelas?”.

Fiquei meio preocupado. Minha tia poderia subir até o quarto a qualquer momento. Mas por fim vesti minha roupa, calcei os chinelos, pulei a janela e subi no telhado com ele. Escalamos até bem lá em cima no topo. A noite estava meio fria, e sentamos bem juntos um do outro.

Era mais uma noite toda iluminada de estrelas.

Mika apontou para uma estrela que cintilava com brilho especial e falou, solene:

“Quem sabe aquela estrela lá em cima é o meu sol?”

“Ou lá embaixo?”, falei. “Afiml, você foi viajando para cima até bater com a cabeça neste planeta. Não é mesmo?”

Eu não conseguia parar de pensar no fato de que Mika tinha saído de um ovo. E também não conseguia compreender como ele era capaz de ler meus pensamentos. Falei:

“Eu nasci neste planeta há oito anos. E você, há quanto tempo você saiu do seu ovo lá em Eljo?”

Ele fez uma reverência para essa pergunta.

“Há exatamente um ano.”

“Feliz aniversário!”, exclamei.

“Só que um ano em Eljo é bem mais tempo do

que um ano na Terra. Tudo depende da velocidade com que o planeta gira em torno do seu sol.”

“A Terra leva trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto para dar a volta em torno do Sol”, falei. “Por isso, temos que acrescentar um dia extra a cada quatro anos, para arredondar a conta.”

Eu já sabia que em outro planeta um ano pode ser muito mais curto ou mais longo do que aqui.

“Nossos dias também são mais longos que os de vocês”, disse Mika. “Parece que faz pouco tempo que o sol se levantou, trazendo um novo dia. E agora já é de noite outra vez!”

“O dia tem vinte e quatro horas”, expliquei, “porque a Terra leva vinte e quatro horas para dar um giro.”

“*Horas?*”, perguntou Mika.

De repente percebi que essa idéia das vinte e quatro horas não passa de algo que nós inventamos aqui no nosso planeta. Poderíamos muito bem ter resolvido que cada dia tem de 2 horas, e cada hora cem minutos.

Expliquei: “Nós dividimos o dia em vinte e quatro horas. Cada hora tem sessenta minutos, e cada minuto é dividido em sessenta segundos”.

“Compreendo”, disse Mika, ouvindo atentamente. “Mas quanto dura um segundo?”

“Um!... Dois!... Três! Depois de cada número fiz um intervalo de mais ou menos um segundo.”

Mika ficou pensando muito tempo, e logo começou a esticar os dedos. Percebi que ele estava raciocinando intensamente. Por fim disse:

“Nesse caso, no meu planeta você teria um ano

e oito dias.”

Quer dizer que eu era oito dias mais velho que Mika! Achei essa última conta a mais fácil de fazer.

As estrelas brilhavam como agulhas pontiagudas no céu noturno.

“Por que você veio até aqui?”, perguntei então.

“Para encontrar você. Ou você acha que eu caí no seu jardim por acaso, justamente quando você estava sozinho em casa, esperando chegar um irmãozinho?”

Achei que essa era uma boa pergunta, e fiz uma profunda reverência. Mas ainda havia alguma coisa impedindo que todas aquelas peças se encaixassem.

“Mas tudo isso é só um sonho”, ele repetiu.

“O quê?”

Mika respondeu, sempre ondulando os dedos:

“Eu sonhei que saí voando pelo universo na minha nave espacial. Durante muito tempo não vi nada além de estrelas e galáxias. De vez em quando via de relance algum cometa. Mas um dia entrei no sistema solar. Primeiro passei por um planeta pequeno e frio, lá longe. Daí passei por uns planetas bem grandes, com luas e grandes anéis girando em suas órbitas. Foi aí que percebi à distância uma pequena pérola verde-azulada. Parecia aqueles pirulitos com manchas de várias cores. Será que ali existia vida?”

“Era a Terra!”, falei. “E não é um sonho!”

“Mas eu sonhei que estava vendo a Terra. Fiquei tão curioso que abri a portinhola da nave e gritei para a noite negra: ‘Ei! Tem alguém aí? Ou é tudo vazio e deserto?’”

Tentei imaginar a cena.

“Dali a um momento caí pela portinhola afora e saí voando numa tremenda velocidade, rumo a este planeta. Eu gritava: ‘Socorro!’, mesmo sabendo que não havia ninguém para me ajudar.”

“Você deve ter sentido um medo louco!”

“Senti mesmo. Mas dali a pouco estava dependurado numa macieira, pertinho do chão. E o resto da história você conhece.”

Sem dúvida. Eu tinha visto tudo com meus próprios olhos. E foi essa, Camila, a história que contei a você.

“Eu sabia que era um sonho, o tempo todo”, disse Mika. “Só que era um sonho que não acabava mais!”

“Quem sabe você também sonhou que saiu de um ovo, há muito tempo?”, interrompi.

“Não! Tenho tanta certeza disso como tenho certeza de que nós dois estamos sentados aqui no telhado, olhando para o céu.”

Por algum motivo, essa resposta não me satisfez totalmente. Pensei um pouco e falei:

“Se a sua viagem pelo espaço até este planeta foi apenas um sonho, então o fato de estarmos sentados juntos aqui no telhado deve ser sonho também. E se for assim, um de nós está sonhando!”

Ele concordou:

“Todos os planetas têm dois lados. E os dois lados não podem estar de frente para o sol ao mesmo tempo. A mesma coisa acontece com os nossos sonhos. A pessoa que sonha e a pessoa com quem ela está sonhando nem sempre estão acordadas ao mesmo tempo.”

“Nesse caso”, falei, “será que sou eu ou é você que está sonhando?”

Ele deu de ombros.

“Não faz diferença! O mais importante é que nós nos encontramos, no topo daquela montanha bem alta. Sabe, não é sempre que as pessoas sobem até lá!”

Refleti longo tempo sobre isso, com muita concentração. Daí falei:

“Mas se sou eu que estou sonhando com você, então você não poderia existir antes de eu começar a sonhar. E assim que eu acordar, você vai desaparecer!”

Daí Mika disse algo que deve ter sido a coisa mais importante da noite. Espalmando a mão e ondulando os dedos mais do que nunca, perguntou:

“Como você tem tanta certeza de que é a única pessoa que está sonhando comigo?”

Essa pergunta me fulminou como um raio. Só consegui dar de ombros. Ele então fez outra:

“E como você pode ter certeza de que não vai sonhar comigo outra vez?”

Nem sequer tentei responder a essas perguntas. Parece que elas davam um significado totalmente novo para todas as nossas conversas.

Foi só aí que percebi que estava tremendo de frio. Já tinha também começado a bocejar. Mas não queria me separar de Mika, e falei:

“Tenho um plano!”

Ele me olhou com uma expressão vazia, embotada.

“Você tem todo este planeta...”

Agora fui eu que comecei a abanar os dedos.
Falei:

“Estou querendo dizer que tive uma idéia brilhante.”

“Sorte sua...”

Fiquei com medo de que ele já estivesse começando a acordar. Se isso acontecesse, será que ele ia simplesmente desaparecer bem diante dos meus olhos?

Contei logo minha idéia:

“Você pode dormir debaixo da minha cama.”

Acho que ele ficou bem contente com o meu oferecimento. Gentileza e consideração devem ser coisas que agradam em qualquer lugar do universo. Mas também havia algo triste na sua voz quando falou:

“Bom, pelo menos posso ficar junto com você, perto da sua cama.”

Pulamos a janela de volta para o meu quarto.
Mika disse:

“Deve ser gostoso morar numa casa tão bonita.”

Olhou ao redor do quarto como se fosse a primeira e a última vez. Daí disse:

“E tenho certeza de que vai ser divertido ter um irmãozinho.”

No pé da cama havia sempre um cobertor extra, que eu punha por cima do meu acolchoado quando fazia frio. Estendi esse cobertor no chão, debaixo da minha cama.

“Você pode dormir aqui. Mas tem que me

prometer que se minha tia entrar, você fica quietinho como um ratinho!”

Mika estava girando meu globo terrestre. Dava impulso e o fazia rodar cada vez mais rápido.

“Não vou dar nem um pio!”

Olhei para o globo, que dava voltas e mais voltas.

“Já faz mais de doze horas que nós nos encontramos.”

“Ou apenas alguns minutos”, ele replicou.

“Bem, para mim parece que faz muitas horas. Quando nós acordarmos amanhã cedo, vamos completar um dia inteiro.”

De repente ele parou o globo, com um gesto brusco do dedo. Olhou para mim e disse:

“Quando nós viajamos para longe, vamos para fora. E quando sonhamos, viajamos para dentro. Quem sabe seja impossível viajar em duas direções ao mesmo tempo?”

Mika disse isso com tanta intensidade que suas palavras ficaram guardadas dentro de mim até hoje. Nunca deixo de ficar extasiado ao contemplar o espaço. Mas também nunca deixo de ficar maravilhado ao lembrar que tenho uma cabeça e uma mente que fazem de mim o meu próprio universo, único e pessoal.

Mika se enfiou debaixo da cama e se deitou no cobertor.

“Boa noite”, falei.

“Ou bom dia!”, respondeu ele. “Afinal, a Terra continua girando sem parar.”

Deitei a cabeça no travesseiro. De repente ouvi uma vozinha murmurando lá no chão:

“Foram necessários milhares de milhões de anos para criar seres como nós. Tudo começou com alguns organismos bem simples no mar. E agora temos uma cabeça capaz de pensar e sonhar, lembrar e esquecer.”

Por um momento o silêncio foi total. Daí, numa voz um pouquinho mais alta, ele disse:

“Eu saí de um ovo e você já nasceu vivo. A partir de algumas coisinhas minúsculas, surgiu uma compreensão de todas as coisas.”

De novo o silêncio foi quase total, mas ouvi Mika respirando profundamente. De repente ele saiu engatinhando lá de baixo, apoiou-se na beira da cama e disse:

“Quem sabe é hora de esquecermos a casca do ovo! Esquecer o leite e a barriga! E os dinossauros também. Nós dois já nos libertamos de tudo isso. Feliz aniversário, mano! Há um mundo inteirinho esperando por você!”

Essas foram as últimas palavras que ouvi de Mika. Acho que depois disso ele rolou de novo para debaixo da cama, e logo estávamos os dois dormindo profundamente.



a cartola



Dali a pouco fui acordado pela minha tia, que entrou no quarto. Acho que a primeira coisa que me veio à cabeça foi que a noite havia passado muito depressa.

Tia Helena foi direto para a minha cama e se inclinou sobre mim. Jamais vou me esquecer desse momento. Lembro que fiquei com um medo terrível de que Mika lhe desse um beliscão na perna!

“Joakim”, disse ela, com um largo sorriso.

Para falar a verdade, naquele momento eu ainda não estava em condições de apreciar o sorriso radiante da tia Helena, pois nem tinha acordado direito. Esfreguei os olhos, cheio de sono. Tia Helena sentou na beira da cama e me fez um carinho na cabeça:

“Joakim! Você ganhou um irmãozinho...”

Isso me despertou completamente. Meu irmãozinho tinha chegado no mundo!

“Eu sabia que era um menino!”, falei.

“Papai telefonou do hospital”, continuou ela. “Sei que é muito cedo, mas achei que tinha que acordar você e lhe contar!”

Titia disse que já estava fazendo o café da manhã, com ovos e tudo o mais. Levantei da cama e ela desceu correndo para a cozinha.

Assim que ela saiu, me agachei e espiei debaixo da cama, dizendo: “Psiu!”.

Mas não havia ninguém. Foi só então que notei o cobertor de Mika estendido no chão junto à cama.

Dois pensamentos passaram como um relâmpago pela minha cabeça, os dois ao mesmo tempo. Mika já tinha acordado, e por isso não estava mais embaixo da cama. Mas será que ele tinha conseguido

voltar para casa, lá em Eljo, antes de acordar?

Creio que o segundo pensamento era o mais importante. Pois se Mika não tinha conseguido chegar em casa antes de acordar, então onde estaria ele?

Mas estava faltando uma outra coisa também. Antes de conhecer Mika eu só tinha um amigo: meu coelhinho branco. E agora não o encontrava em parte alguma!

Se Mika tinha levado meu coelho branco para não se sentir tão sozinho na sua viagem pelo espaço, para mim tudo bem. Afinal, agora eu tinha um irmãozinho!

Fui ao banheiro me lavar e depois desci para a sala. Tia Helena folheava um jornal. Logo estávamos os dois tomando café na cozinha.

Precisei pensar muito antes de pedir à titia para “cortar a cabeça” do meu ovo cozido. Era assim que costumávamos dizer na minha família, na hora do café.

Algumas horas depois papai voltou para casa. Eu estava brincando com meu Lego quando ouvi a campainha tocar. Por um momento pensei em Mika — ele ficaria aterrorizado com aquele barulho! Mas daí lembrei que naquele momento ele devia estar saindo do sistema solar a toda a velocidade.

Desci correndo e abri a porta. Papai se abaixou e me deu um abraço gostoso. Daí me levantou bem alto e disse:

“Joakim, você ganhou um irmãozinho! Vou só trocar de camisa e escovar os dentes, e você pode voltar comigo para o hospital e conhecer o bebê.”

Depois de tudo o que tinha acontecido, come-

cei a chorar. E acho que papai também estava quase chorando. Até hoje não compreendo por que chorei tanto naquela hora, justamente quando estava tão feliz porque meu irmãozinho tinha nascido. Só sei que fiquei um tempo enorme chorando e soluçando alto, enquanto papai me segurava no colo e me abraçava.

Demos uma carona para tia Helena até a cidade, mas ela não pôde ir conosco conhecer o irmãozinho. Naquele dia só os parentes mais próximos tinham permissão para visitar o bebê e a mamãe.

Primeiro visitei a mamãe. Ela sentou na cama e me abraçou, mas mesmo assim achei que ela parecia um pouco doente. Sem dúvida estava muito mais pálida. Meu irmãozinho estava deitado num bercinho minúsculo, numa grande sala junto com vários outros terráqueos recém-nascidos.

Fiquei um pouquinho decepcionado quando vi o bebê pela primeira vez. Era bem menor e tinha o rosto mais vermelho do que eu imaginava. E dormia tão profundamente como um ouriço-do-mar.

Mas aí algo aconteceu. Aos pouquinhos ele foi acordando. Primeiro foi esticando e dobrando os dedinhos. Daí começou a chupar o polegar.

Ele não sabia falar ainda, e talvez não soubesse nem pensar. Mesmo assim, era óbvio que estava espantadíssimo com o mundo aonde havia chegado. Parecia que estava tentando agarrar alguma coisa no ar, e abanava os dedos para me dizer algo importante.

Lembrei-me da última coisa que Mika tinha me dito. E falei essas mesmas palavras para o meu irmãozinho:

“Feliz aniversário, mano! Há um mundo inteiri-

rinho esperando por você!”

Os dias foram passando e fui mais umas duas vezes visitar a mamãe e o bebê no hospital. Chegou então o grande momento: numa bela manhã, a mamãe e meu irmãozinho voltaram para casa de táxi.

Eu tinha feito um desenho lindo para ele — um desenho da Terra vista do espaço. No desenho, escrevi: EI! TEM ALGUÉM AÍ?

Nos primeiros dias e semanas, o malandrinho foi o centro de todas as atenções. Às vezes ele chorava e berrava tão alto que eu tinha que tapar os ouvidos. Quando mamãe estava por perto, em geral ele logo sossegava. Assim que mamava o leite dela, parava de chorar. Mas para mim e para o papai, não era tão fácil acalmá-lo.

Eu passava o tempo fazendo diversas coisas. Mas lembro que continuava também procurando meu coelho branco. Eu sabia que talvez não precisasse mais dele, agora que já tinha um irmão de verdade. Mesmo assim, tinha curiosidade de saber o que havia acontecido com ele.

Às vezes eu também procurava por Mika. E continuei fazendo isso pelo resto da vida. Cada vez que me sento na Cadeira de Pedra, lá embaixo, perto do ancoradouro, ou lá em cima, no Montinho, em frente ao nosso velho marco de pedras, penso nas longas conversas que tive com Mika, o pequeno mumbo de Eljo.

Bem, Camila, mas ainda tenho que lhe contar uma outra coisa. Fico meio sem graça, mas preciso mesmo lhe dizer!

Não falei nada para a mamãe e o papai sobre

Mika, mas disse ao papai que tinha tirado umas fotos engraçadas enquanto eles estavam no hospital. Daí lhe dei a minha máquina fotográfica e pedi que mandasse revelar o filme. Mas, Camila, você vai ter que perdoar o pior fiasco da minha vida: a máquina estava sem filme!

No final de novembro chegou o dia do batizado do bebê. Já estava decidido fazia muito tempo que ele iria se chamar Mikael. Mamãe e papai achavam que esses dois nomes combinavam muito bem — Mikael e Joakim.

Não me lembro exatamente quando ficou resolvido que o bebê seria batizado com o nome de Mikael. Talvez eu mesmo tenha dado um empurrãozinho na escolha do nome. Mas pode ser também que mamãe e papai já tivessem decidido antes ainda de ele nascer.

Mas veja, Camila, eles não podiam ter certeza de que era um menino. Isso era algo que só eu sabia. Hoje as coisas são diferentes. Atualmente é possível descobrir, pelo ultra-som, se o bebê na barriga da mamãe é menino ou menina. Hoje em dia se pode escolher o nome da criança ainda antes de ela nascer.

Depois da igreja demos uma festinha. Tia Helena também estava, naturalmente, e nessas alturas você já deve imaginar que ela é a sua avó. Ela veio com minha prima Karina, que é sua mãe. Naquela época ela só tinha catorze anos, mas para mim já parecia bem crescida. E agora ela já é mãe de uma menina de oito anos!

Mas não é só isso, Camila. Comecei esta história dizendo que tinha uma notícia importante para

você, e tenho certeza de que você já sabe do que eu estou falando. Na semana passada Karina me contou que está esperando um bebê para daqui alguns meses. Ela havia acabado de lhe contar.

E isso me fez lembrar que prometi a você uma história. Já naquela vez que você veio passar uma semana comigo, eu tinha resolvido que um dia iria lhe contar sobre Mika. E que oportunidade melhor do que esta?

Agora, Camila, você já sabe o que esperar. Karina ainda não fez o ultra-som, e não sabe se vai ter menino ou menina. Mas, de qualquer forma, você vai ganhar uma irmãzinha ou um irmãozinho. Meus parabéns!

Na festa do batizado tive licença para apresentar alguns truques de magia para os convidados. Achei que era algo bem apropriado para a ocasião, pois quando um novo ser humano vem ao mundo, isso também é uma espécie de magia. Abracadabra!

Eu tinha um jogo de *mágica* com uma varinha linda. E quando ia fazer um truque especialmente difícil, punha a velha cartola que o vovô usava quando queria ficar elegante.

Quando comecei a escrever esta história, decidi finalizar com algumas palavras sobre a cartola do vovô. Veja bem, Camila, eu não sou o único que desce do vovô. Ele também é avô da sua mãe, e portanto seu bisavô.

Esta história toda começou, na verdade, quando a vovó e o vovô se conheceram nas montanhas de Jotunheim, há muito, muito tempo. Mal sabiam eles que um dia iriam se tornar bisavós de uma garotinha,

e que essa garotinha iria esperar uma irmãzinha ou irmãozinho! Mas, na verdade, foi graças a esse encontro em Jotunheim que você veio ao mundo, há oito anos.

Algumas coisas já tinham acontecido, é claro, antes de vovó e vovô se conhecerem naquela escalada. Foi uma longa estrada que os levou até aquele encontro no topo de uma montanha em Jotunheim. E essa longa estrada começou, na verdade, com um anfíbio que um dia saiu rastejando do mar. E não creio que ele soubesse o que ele estava iniciando naquele momento!

Esse anfíbio deu um pequeno passo em terra firme. Mas foi um passo gigantesco para a evolução.

Bem, imagino que agora você deva estar querendo saber se eu realmente conheci Mika, ou se tudo aquilo foi apenas um sonho.

Para essa pergunta eu faço uma reverência até o chão, pois muitas vezes já me perguntei a mesma coisa.

Cheguei à conclusão de que o mais importante é que nós nos encontramos. Quando duas pessoas levantam a cabeça e cada uma sai do seu vale profundo para encontrar a outra lá em cima da montanha, pouco importa como se chama a montanha, ou de onde cada uma veio. Quando estamos no pico de uma imponente montanha, temos a sensação de estarmos no topo do mundo. E naquela noite em que meu irmãozinho nasceu — bem, eu estava no topo do mundo!

Acredito que alguns encontros muito importantes da nossa vida acontecem quando estamos dor-

mind. Ao longo da nossa vida temos alguns sonhos tão vívidos que parecem mais reais do que a própria vida que levamos lá embaixo, no nosso vale profundo.

Meu encontro com Mika me deu vontade de ser astrônomo. E foi isso que eu fiz. Passei toda a minha vida adulta estudando o céu e o espaço. Naturalmente, muitas vezes já tirei um tempinho para espiar dentro de um carrinho de bebê. Mas, para mim, isso sempre foi bem parecido com fitar as estrelas lá no alto.

Às vezes, quando olho para o céu, penso que, na verdade, o que estou procurando é Mika.

Já contei tudo para você, Camila, bem como eu me lembro. Certas partes devo ter esquecido; outras talvez sejam fruto da minha imaginação. É sempre assim quando tentamos contar fatos que aconteceram há muito, muito tempo. Mas, durante toda a história, tentei ser fiel às coisas de que me lembro melhor.

Acredito que toda noite nós esquecemos um pouquinho de tudo o que vimos e vivemos. Mas, ao mesmo tempo, nossa mente trabalha intensamente enquanto dormimos. E é aí que mergulhamos fundo no nosso mundo de sonhos. É como se saíssemos deste mundo e, deslizando com suavidade, entrássemos num mundo totalmente novo. Sempre que penso nisso, acho muito estranho.

Quem sabe nós sonhamos à noite porque nossa mente tenta preencher o vazio deixado por tudo aquilo que esquecemos enquanto estamos dormindo. E quando acordamos de manhã, tudo o que sonhamos logo se evapora, como o orvalho ao sol da manhã. Acho que durante o dia nós vemos tantas coisas

e temos tantas experiências que na nossa cabeça não há lugar para todos os nossos sonhos.

Lembrar de um sonho é quase tão difícil como agarrar um passarinho na mão. Mas, às vezes, parece que o passarinho vem pousar no ombro da gente de livre e espontânea vontade.

Com carinho do seu
Tio Joakim





www.tocadacoruja.net

Digitalização/ Revisão: YUNA

TOCA DIGITAL

Mika: uma espécie de Pequeno Príncipe que,
ao encontrar Joakim, acha que está vendo
um menino de outro planeta. Joakim:
um menino de oito anos que, ao encontrar

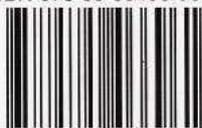
- Mika, simplesmente não acredita no que está vendo.
Eles são muito diferentes, mas são muito parecidos.

Mika e Joakim passam 24 horas juntos.

Remam num barquinho, escalam uma montanha,
comem panquecas, olham um álbum de fotografias,
conversam muito sobre a vida e acham que tudo
o que estão vivendo só pode ser um sonho.

Talvez sim, talvez não.

ISBN 978-85-85466-96-1



9 788585 466961